A CENA muda

Nº 4 ★ 24-1-52
CR$ 3,00 EM
TODO O BRASIL

CINEMA ★ RÁDIO ★ MÚSICA ★ REPORTAGENS ★ VARIEDADES

NESTE NÚMERO

ANSELMO DUARTE QUER SER DIRETOR
(Reportagem)

Quais os melhores do cinema nacional em 51?
(Sensacional enquete)

CINEMA A PRESTAÇÕES
(Reportagem)

O último filme de Louis Jouvet
(Atualidade)

O BARCO DAS ILUSÕES
(Cine - romance)

AS OITO VÍTIMAS
(Cine - capítulo)

OS CINCO SEGREDOS DA FELICIDADE FEMININA

O FILHO DE D'ARTAGNAN
(Enrêdo)

E mais:
CRÍTICAS ★ CARNAVAL ★ FLASHES E MUITAS OUTRAS SEÇÕES

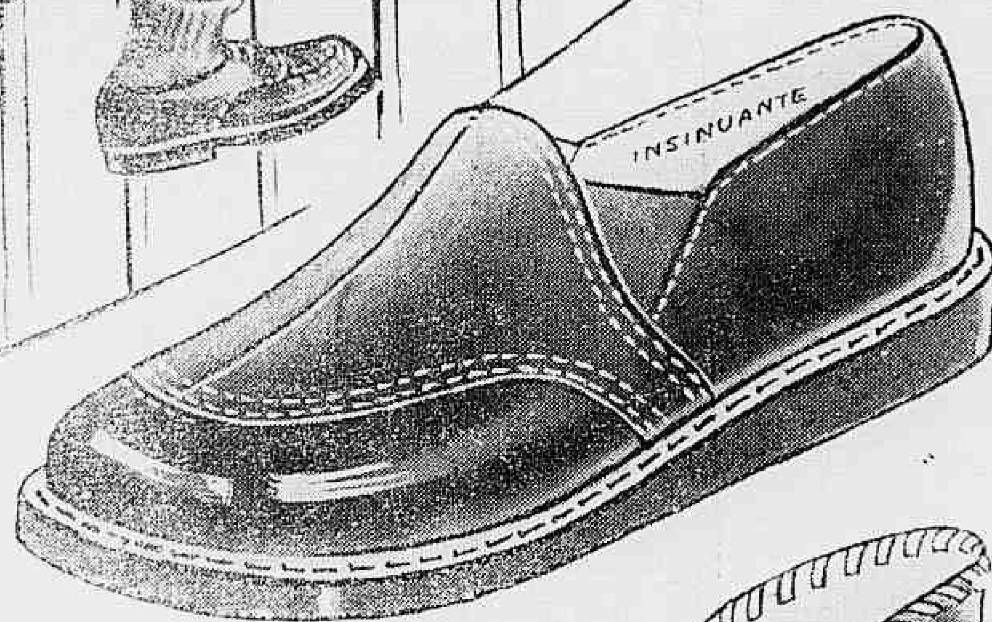


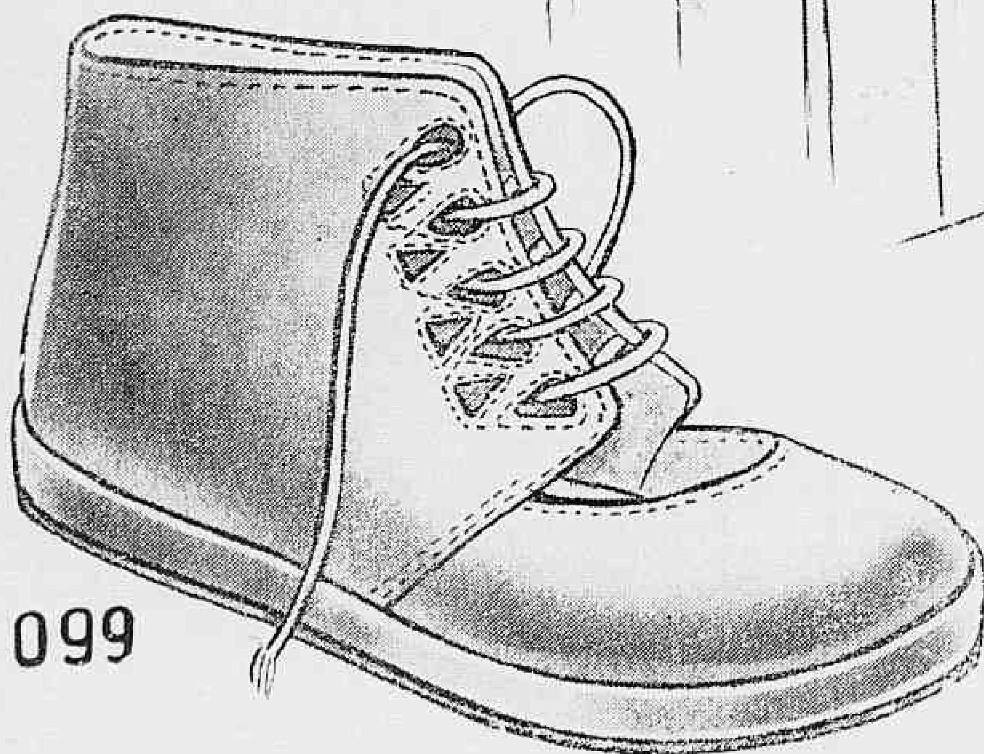
Sapatos que seus filhos adoram!

Insinuante
UMA GALERIA Á SUA DISPOSIÇÃO COM AGUA GELADINHA AS SUAS ORDENS.



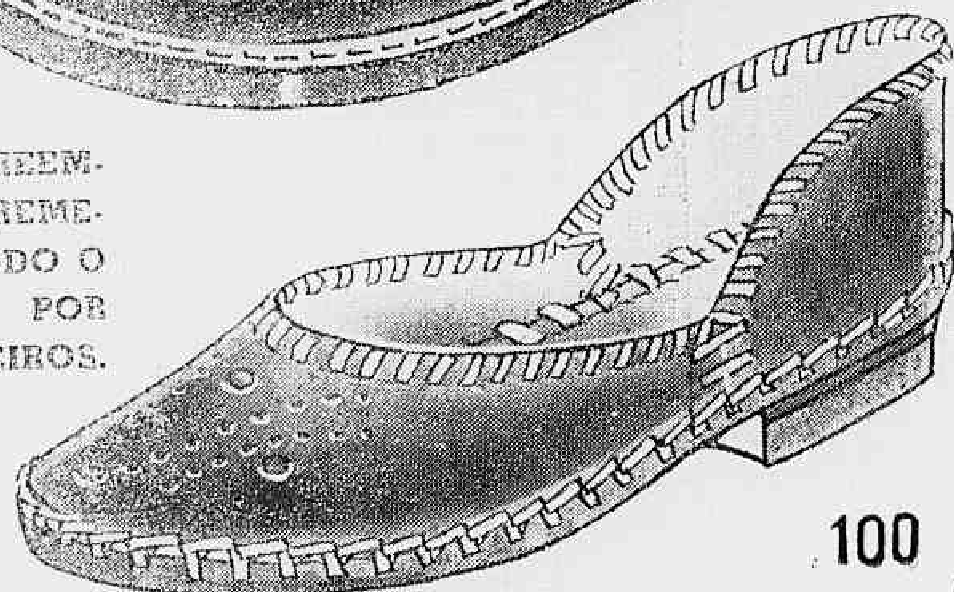
098





099

NÃO FAZEMOS REEMBÔLSO POSTAL. REMETEMOS PARA TODO O BRASIL. PORTE POR PAR 5 CRUZEIROS.



100

098 — Cr$ 98,00. «Maracanã». Uma maravilha para meninos. Núm.: de 22/27.

099 — Cr$ 75,00. Uma botinha que é um encanto. Núm.: de 18/24.

100 — Cr$ 100,00. «Caiçaras». Um encanto de sapato para meninas. Núm.: de 22/27.

insinuante

A SAPATARIA PREDILETA DE SEUS FILHOS E DE SEUS NETINHOS

CARIOCA, 46·48 – SETE de SETEMBRO, 199·201











Crônica em 33 rotações

LONG-PLAY

TARDE vazia, cinzenta, chuvinha miúda. Dia de entregar a crônica desta página. Da eletrola, som abafado, em surdina, uma voz melodiosa, agradàvelmente rouca. É Billy Eckstine quem canta. Procuro coordenar meus pensamentos confusos. Muitas idéias na cabeça. Quero escrever sôbre tudo; não quero escrever sôbre nada. Cai o primeiro disco...

CARAVAN...

São os "astros" famosos que partem para Punta del Este, onde se realiza o Segundo Festival Internacional de Cinema na belíssima cidade uruguaia. Delegações e mais delegações partem de todos os pontos da terra, convergindo para o luxuoso balneário. De Paris, de Roma, de Hollywood, de Tóquio. Os aviões passam pelo Rio e provocam alvorôço entre os fãs, no Galeão. Enquanto isso, o Brasil discute qual a delegação que deve ir, pois havia mais de uma convidada. Eu vou, eu não vou, eu vou, eu não vou. Então vai todo mundo. Ou não vai ninguém. Telegrama p'ra lá, telegrama p'ra cá. Suspendam o Festival, pelo amor de Deus; ainda não escolheram as fitas nacionais!

EV'RYTHING I HAVE IS YOURS...

É Frank Sinatra quem balbucia aos ouvidos de Ava Gardner, enquanto vão passar sua lua-de-mel na Europa. Ambos apresentam "shows" em teatros com grande sucesso, mas o maior espetáculo do casal continua sendo o escândalo de seu romance. Sinatra, pai de família e marido exemplar (até conhecer Ava), com 33 anos de idade, pede divórcio de sua espôsa. Ela lhe pede que diga isso cantando e êle diz mesmo. Pela primeira vez, ela desmaia. Ava Gardner, ex-espôsa de várias celebridades da tela (Mickey Rooney, Artie Shaw), conta 29 anos de idade. E pretende desbancar Gilda Hayworth!

WHAT'S MY NAME...

Em Londres, Greta Garbo conhece um célebre fotógrafo. Ambos têm sido vistos com freqüência, apesar de tentarem andar esquivos. O fotógrafo descende de uma nobre família inglêsa e é especialista em fotografias artísticas, contando cinqüenta anos de idade. Seu nome é Cecil Beaton. Greta não quer mais ficar só. Boa chance para ser fotografada.

JEALOUSY...

O príncipe Ali Khan fica enciumado quando sabe da notícia de que Rita Hayworth fará seu primeiro filme depois desta sua última separação. E isso porque o galã será nada menos que Glenn Ford, o homem que conseguiu manobrar Gilda. Sem palacetes, sem piscinas, sem reinado. Glenn Ford tem boa estampa, e com Rita é ali, no duro: ou cara... ou coroa!

TENTATION...

Fascinante e bela, a ruiva Francis Irvin faz um espalhafato dos diabos em Pernambuco, quando declara que abandonará a orquestra de Tommy Dorsey — a fim de vir ao Rio encontrar-se com Cyl Farney. E, de fato, num dêstes domingos, pela manhã, lá estavam os dois passeando pelas "areias ardentes" de Ipanema. E agora, como será? Cyl tem de ir ao Festival e Francis tem de cantar. E entre a cantada de miss Irvin e o Festival, a tentação de Punta del Este é bem maior.

PRETTY BABY...

Silvana Mangano, com tôda sua formosura e sensualidade (talvez por isso mesmo) espera a visita da cegonha para o próximo mês de junho. Seu marido, Giuseppe De Santis, continua produzindo. Filmes, digo. Também.

leon eliachar

A ERA DOS FILMES EM SÉRIE



CINEMA A PRESTAÇÃO

"AS AVENTURAS DE CATALINA", FOI, RIGOROSAMENTE, O PRIMEIRO GRANDE FILME EM SÉRIE ★ "OS MISTÉRIOS DE NOVA YORK" ★ O DETECTIVE JUSTIN CLAREL, HELEN HOLMES, PEARL WHITE, RUTH ROLAND, WARNER OLAND, BUCK JONES, TOM MIX, EDDIE POLO, GRACE CUNARD, FRANCIS FORD, JACK MULHALL E TANTOS OUTROS HERÓIS E HEROÍNAS QUE FIZERAM VIBRAR NOSSO CORAÇÃO DE 15 ANOS ★ DIRETORES DOS FILMES SERIADOS ★ AS INTENTONAS DA FRANÇA E ALEMANHA EM FAZER ESTA CLASSE DE FITAS.

De ALBERTO CONRADO

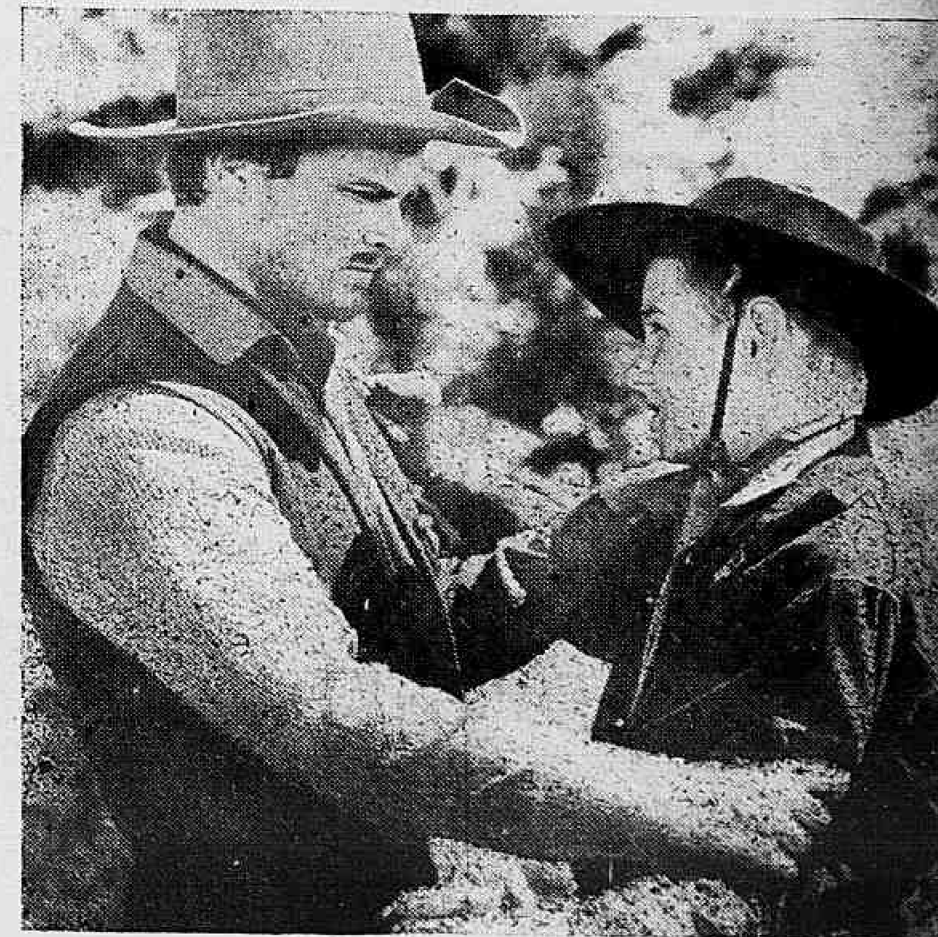


William Boyd foi um grande ídolo da gurisada pelas suas interpretações nos filmes em série.

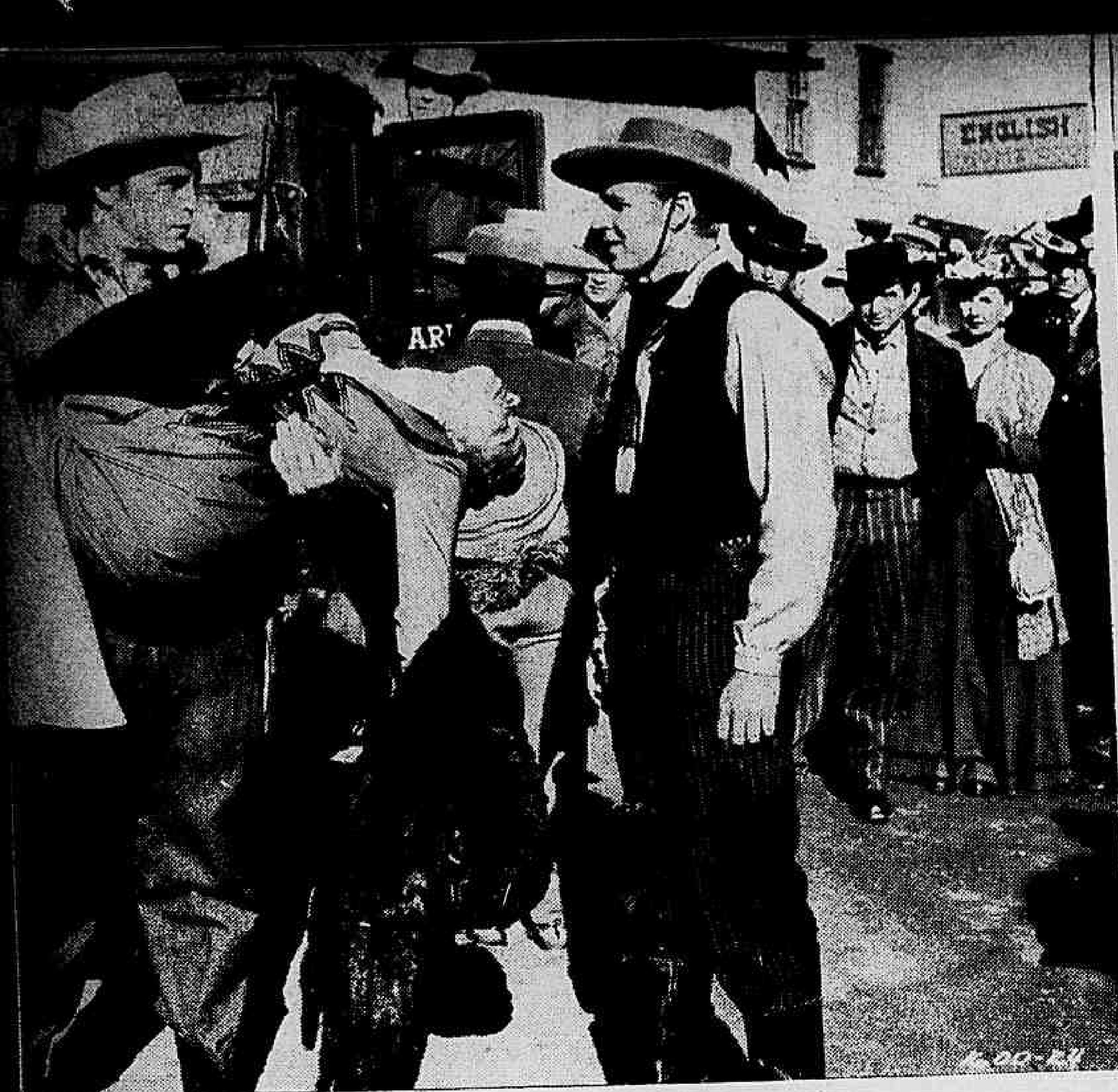
O surpreendente auge do cinema nestes anos seria incompreensível sem recordar a importante intervenção que tiveram os filmes em série. Em determinado momento encheram-se as telas de todo o mundo do eco visual das mil e uma aventuras, cuja exposição, desenvolvimento e desenlace requeriam da atenção do espectador o espaço contemplativo de várias semanas. Houve na implantação do gênero todo um processo psicológico. O produtor teve a intuição de ferir de curiosidade ao público com duas memoráveis flechas: a da emoção e a do interêsse. Soube escolher, além do mais, o momento propício, apagada já a primeira surprêsa, pelos dramalhões que o cinema italiano nos servia contìnuamente. Incrementou, pois, os mais primários instintos da aventura, da curiosidade, que sempre sobra em nosso ser. Desde então os mais chocantes incidentes e os acidentais mais inverossímeis iam ser postos a secar nos lençóis brancos de tôdas as telas do mundo. O filme a prestação foi, como os folhetins na literatura, conseqüência natural da propagação demasiadamente rápida de um passatempo que não atinava para escolher o melhor caminho ou a melhor expressão. Ante o insuportável grandieloqüência dos daramalhões da Comédie Française ou as *machines* pomposamente ridículas das produções italianas, pratos obrigatórios na guerra de 14, cabia dispensar que o público reacionava achando-se em mãos dos filmes em série. Apenas foram lançadas as primeiras estas tiveram o privilégio de encher os cinemas tôdas as noites, de elevar intérpretes ao estrelato que ontem eram anônimos e de fazer a fortuna de mais de um exibidor durante a anterior conflagração mundial (1914). Para nós, a verdadeira guerra não era a que assolava à Europa por aquêles dias senão a que sustentavam nos "Mistérios de Nova York", a loura Elena Dodge, o detective Justin Clarel e seu fiel Jameson, contra o cruel Li-Wang. E' difícil esquecer estas impressões infantis que nos encheram de entusiasmo. A impaciência com que esperávamos o próximo episódio é uma das recordações que melhor se gravaram em nossa memória. De "Os perigos de Paulina", passamos a "Houdine, o tanque humano", quando Kalem era uma casa produtora de respeito e Helen Gibson se achava no mais alto das constelações cinematográficas. Época remota em que Tom Santschi fulgurava como uma espécie de sol na casa Selig e Helen Holmes, a jovem da emoção, era rainha absoluta dos estúdios Mutual. Filmes primitivos sublinhados pelo encanto indiscritível dos primeiros foxes — "Salomé", "Industão", "Smiles" — que pitorescos pianistas executavam com inimitáveis ritmos. Neste momento não se tratou de criar expressão alguma. Nem muito menos de oferecer à imagem uma intenção discursiva com vistas ao que mais tarde formaria sua suprema ocupação e preocupação: o ritmo. Era inútil a procura por estas esquinas. O caminho era outro. Em primeiro lugar, os truques de laboratório eram tantos que permitiam que o inverossímil tivesse na tela visão de realidade. Meliés, noutro gênero, o tinha demonstrado com altura. Depois, havia que procurar conquistar o ânimo de todos os públicos do cinema, em virtude dêstes serem ingênuos, simples, escassos de intelectualidade. Tornava-se necessário agradá-los com espetáculos de idênticas trajetórias. Os dramas teatrais, naturalmente, não resistiriam tão duro embate. Nem o mesmo folhetim, que, dentro do filme em série, é o que explorariam seus criadores: os franceses. Se aquêle era um gênero dirigido aos nervos, as aventuras em série procuravam pô-los de ponta. Procurariam, sobretudo, que o espectador, eletrizado pelas mais tremendas situações, não lhe passasse pela mente a idéia de abandonar a possível diversão que lhe ofereciam as seguintes fitas. Fazê-lo tomar de carinho pelo futuro dos protagonistas. Fazê-los familiares, até chegar a saber conhecer seus gestos como suas reações, era o objetivo dos seriados. Com efeito, são os intérpretes — o detective e a jovem heroína simpática — que movem e aprisionam nossa curiosidade. Não vamos ver "A Máscara de Ferro", senão a seus intérpretes: William Duncan e Edith Johnson. Não nos ineteressa o título de o "Rastro do tigre", apesar de que, para chamar a atenção do público, êste, como outros melodramas, haverão de levar nomes aparatosos. O que nos comove é o protagonista: Helen Homes. Não nos importava que em "A grande jogada", se tivesse que passar uma enorme montanha pelo fio de uma árvore que fazia de ponte, nem que fôsse necessário saltar de uma casa a outra numa altura inverossímil. Se êstes incidentes nos arrebatavam era porque o protagonista, Charles Hutchinson, gozava de tôdas as nossas simpatias. O de menos em "Carpanta" era que se fizesse voar uma montanha com grandes quantidades de dinamite nem que se fizesse chocar duas grandes locomotivas: era a sorte dos intérpretes o que nos preocupava. Os gostos do público levam, pois, êste compasso. Daí a popularidade que alcançaram os que não fizeram outra coisa senão repetir, em dúzias de filmes, gestos e atitudes que, na primeira película, lhes deram fama. Desta forma vimos a William Duncam em "Panther", "A luta pelos milhões", "O homem do poder"; a Pearl White em "A garra de ferro", "O anel fatal", "O bandido relâmpago"; a Eddie Polo em "A moeda furada", "Liberdade", "O rei do circo", "O objetivo trágico"; a Juanita Hanson em "A bala de bronze", com Jack Mulhell, dirigida por Ben Wilson; a Carol Hollyway em "A prova de ferro", a Ruth Roland em o "Pacto de três", com George Larkin; a Francis Ford em "O mistério dos treze", com Rosemary Tebb. O bom é que o cinema, sem querer, conseguia com estas obras uma afinação de técnica. Cria-se uma experiência de ação. Raras vêzes, de caracteres. Enquanto no melhor teatro cabem pesicològicamente, personagens com solução de continuidade, ou seja, com alternativas, com erros em sua psicologia, os do



O mocinho e a mocinha era a dupla mais querida das séries, acumulando milhões de fãs.



O herói do filme em episódios nunca transigia com a violação da lei, sendo implacável.



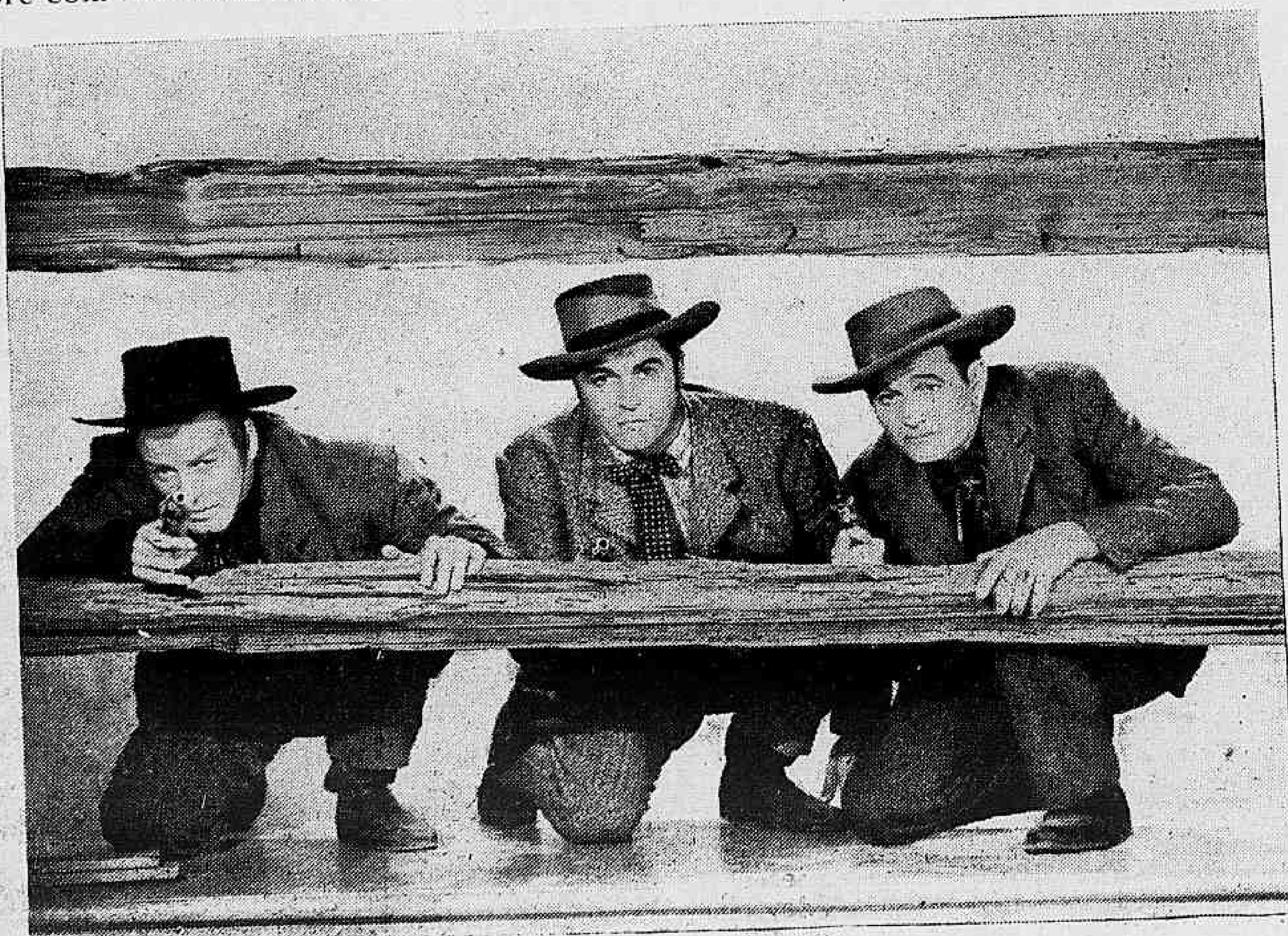
A luta e o sacrifício pela mulher amada tinham um papel importante nas fitas a prestação.



O rapto da mocinha em corrida desenfreada, era sempre motivo para suspender o filme no auge da ação.

cinema possuíam caracteres unilaterais, de uma só peça, sem sinuosidades nem pontos obscuros. Ùnicamente se pedia o interêsse pelo que acontecia. Ao fluir dos feitos, irremediável e singular. A humanidade dêstes sêres boiava nêles como frágeis pedacinhos de madeira na perigosa corrente dos sucessos. Os personagens cinematográficos cortados pela aparência material, eram tipos sensitivos que tendiam a expressar emoções simples, primárias diríamos. Se lhes obrigava a um acionar contínuo no qual se apurava o simplesmente incidental. O fruto da ação, era, definitivamente, o que lançava às imagens da tela os íntimos segredos do pensamento dos personagens. Ficava estabelecida uma crônica visual de incidentes emotivos, de tropeços dos sentimentos. Nestas obras, as reações dos personagens soavam sempre com idênticas ressonâncias. E é por isso que o personagem cinematográfico vivia sempre num mundo alternado. Incapaz de recolher-se em si mesmo. De insimesmar-se. Obrigado a atuar num mundo mecânico, privava nêle a alteração ou seja uma série de atitudes reduzidas a seus esquemas mais simples, mais bárbaros. E que obedeciam, naturalmente a uma vontade suprema: a da trajetória ativa do filme. A fita em série nos faz descobrir esta teoria que saltará de um para outro de seus gêneros. Esta é a mesma fórmula com que se obtiveram mais tarde os filmes de Sternberg "A lei de hampa", ou "As ruas da cidade", de Mamoulian, ou "Scarface", de Hawks. Porém ontem era tão sòmente a sucessão de números de circo rodeados da maravilhosa fauna e flora do mundo real e moderno. As aventuras são muitas. Tantas e tão maravilhosas como o que a cada passo se lhe apresentavam a Ulisses. Os personagens, sempre os mesmos. Luta-se pela possessão de uma mina californiana. Na "Chave mestra", interpretada por Ella Hall, Robert Z. Leonard, Allan Forbes e Jack Holt; briga-se num reino fantástico, em Minerva", de Juanita Hansen? Por uma fortuna fabulosa, enterrada faz séculos, em "O Capitão Kidd", de Eddie Polo, dirigida por Mac Gowam; ou por levar a cabo uma terrível vingança, como na "Máscara dos dentes brancos", de Louis Gasnier, interpretada por Pearl White, Creighton Hale e Sheldon Lewis. O final de cada episódio nos deixará o ânimo em suspense. Umas vêzes será Henry Gisle quem, em "Por amor", de George B. Seitz, salvará a Pearl White das terríveis garras de Warner Oland; outras a intrépida Ruth Roland, com seu cabelo negro e seus dentes de reclame de dentifrício, quem em "O ras'ro do tigre", ficará suspensa no abismo, sôbre o rio turbulento, no qual será sepultada logo que o próximo trem corte as ligaduras que a seguram à ponte. Tôda esta época sobrevive graças à ingenuidade das produções e uma qualidade suprema que hão de desenvolver os americanos: a ação. E' certo que o cinema francês é o iniciador do gênero. Tanto "Nick Carter" e "Zigomar", ambos de Jasset, desenhista e diretor de cena do Hipódromo, que trabalha para a firma Éclair, como "Protea", são de procedência francesa. Porém o cinema em todos êstes filmes não se liber'ou dos pobres antecedentes literários do gênero folhetinesco. Isto é muito importante. Enquanto uma cinematografia se aferra a formas íntimas literárias já gastas, outras anseiam encontrar um novo mundo no qual desenvolver-se com soltura. O francês não se apercebeu de que alguma coisa está na mente dos realizadores americanos: a ação pela mesma ação. A ação situada em nosso mundo moderno. O mundo da mecânica. O fantástico atual — eletricidade, vapor, ar comprimido — levado ao cinema. Todos os inventos da ciência postos a contribuição do gênero.

Automóveis, aviões, dirigíveis, trens, minas, barcos, formam o mundo circundante no qual se movem êstes personagens. E' o triunfo da idéia da beleza mecânica, a exaltação do amor pela máquina, que Marinetti está propagando



O herói e seus companheiros sempre eram defensores dos bons e inimigos implacáveis dos maus.

aos quatro ventos futuristas. O valor dos personagens, o mais terrível consciente dos homens, se parece ao valor mecânico dos jogadores de futebol: o valor de dar um salto, o valor de arrojar-se a tempo. Com efeito, nos encontramos ante um produto da época. E' a vida considerada como esporte. Com uns sêres que possuem um repertório de reflexos autênticos. Por isso, os intérpretes hão de estar acostumados a prática daqueles esportes. William Duncan era "boxeur"; Eddie Polo, artista de circo; Jack Dempsey, campeão mundial de box. Como reação a inesgotável epopéia de intérprete europeu do *Film d'Art*, procura-se aquêles que, mais que representar, saibam conduzir um automóvel a oitenta quilômetros por hora, saibam manejar um corcel em louco galope pelos prados, possam saltar em inverossímeis piruêtas de uma canoa para um avião. Não se procura o gesto, senão a habilidade esportiva. E junto a tudo isto está imbuído o grande mito americano do nascente século que é o deus da velocidade. E' sôbre êste padrão que se cortam todos os principais filmes. Os produtores em combinação com algumas publicações jornalísticas lançam as primeiras manifestações dêste tipo. Esta é a regra que se verificará durante muito tempo. Desde êsse momento, passando pelos desenhos animados de Mutt e Jeff, do caricaturista Fisher, até "O fantasma vai ao Oeste", de René Clair, o jornal servirá de trampolim para futuros saltos cinematográficos. "As aventuras de Catalina", foi rigorosamente o primeiro grande filme em série. (A idéia foi baseada sem dúvida em "What happened to Mary", que interpretou Mary Fuller). A história do mesmo apareceu no "Chicago-Tribune"; o filme estava dirigido por Gibson Willets e interpretado por Kathlyn Williams. Era o resultado natural de tudo o que tenho vindo expondo. Pequenas ações unidas por um fio temático comum e por uma copiosa colheita de títulos, maravilhavam ao público por manipular pela primeira vez com os próprios instrumentos da época. Contra o teatro de fundo de cartão, contra o folhetim ao Ponson de Terrail, as "Aventuras de Catalina", significava o nascimento de um mundo que sòmente podia encontrar sua própria expressão através da imagem. Cinema puramente aventureiro. Suas brigas, suas aventuras



O mocinho sempre arranjava um jeito de fugir das mãos de seus captores usando de mil recursos.

do outro mundo, os incidentes emotivos, em vertiginoso desenvolvimento — corridas, perseguições — vinham a comprovar que em nenhuma outra forma cabia tamanha expressão. Daí sua originalidade. Êste filme põe em marcha o complicado aparelho do filme em série. Surge atrás dêle, "A senhorita mistério", da Universal", que nos apresenta a Grace Cunard e Francis Ford, quem com os sobrenomes de Lucile e Conde Hugo — com que se cognominavam em "Moeda furada" — se farão populares por todo o mundo. Mais tarde aparece Pearl White a quem se lhe chamou por muitos anos a rainha do seriado. A bravura, o arrôjo, a valentia desta mulher não tinha limites. Pérola Branca, pois foi com êste nome que a conhecemos em nossas telas, possuía um arrôjo sem par. Brigava contra os homens a socos limpos, vencia a perfídia do chinês Warner Oland; da mesma forma conduzia uma motocicleta a grande velocidade, se lançava ao mar desde um avião em vôo, passava de um automóvel para um trem em marcha. "As aventuras de Paulina" nos apresentou a esta intérprete pela mão do diretor Louis Gasnier, quem durante tanto tempo haveria de permanecer no cinema. Os vimos depois em "Os mistérios de Nova York", do qual já falamos e que constituiu um êxito sem precedentes. Gasnier fêz outro tento com estas aventuras da máscara vermelha. A popularidade de episódios como o da "A mão que mata",

(Cont. na pág. 32)

O cavalo, o revólver e a planície era o trio que implantava no mundo a grande era do filme em série.



Nesta classe de filmes, o que interessava era a perícia de ginasta e não a qualidade de ator.





AS 8 VÍTIMAS

(Cont. do número anterior)

Instintivamente, o rapaz fêz o que devia fazer: agarrou a moça pelos ombros e a beijou com ardor.

— Todavia lhe parêço ridículo? — interroga.

— Não.

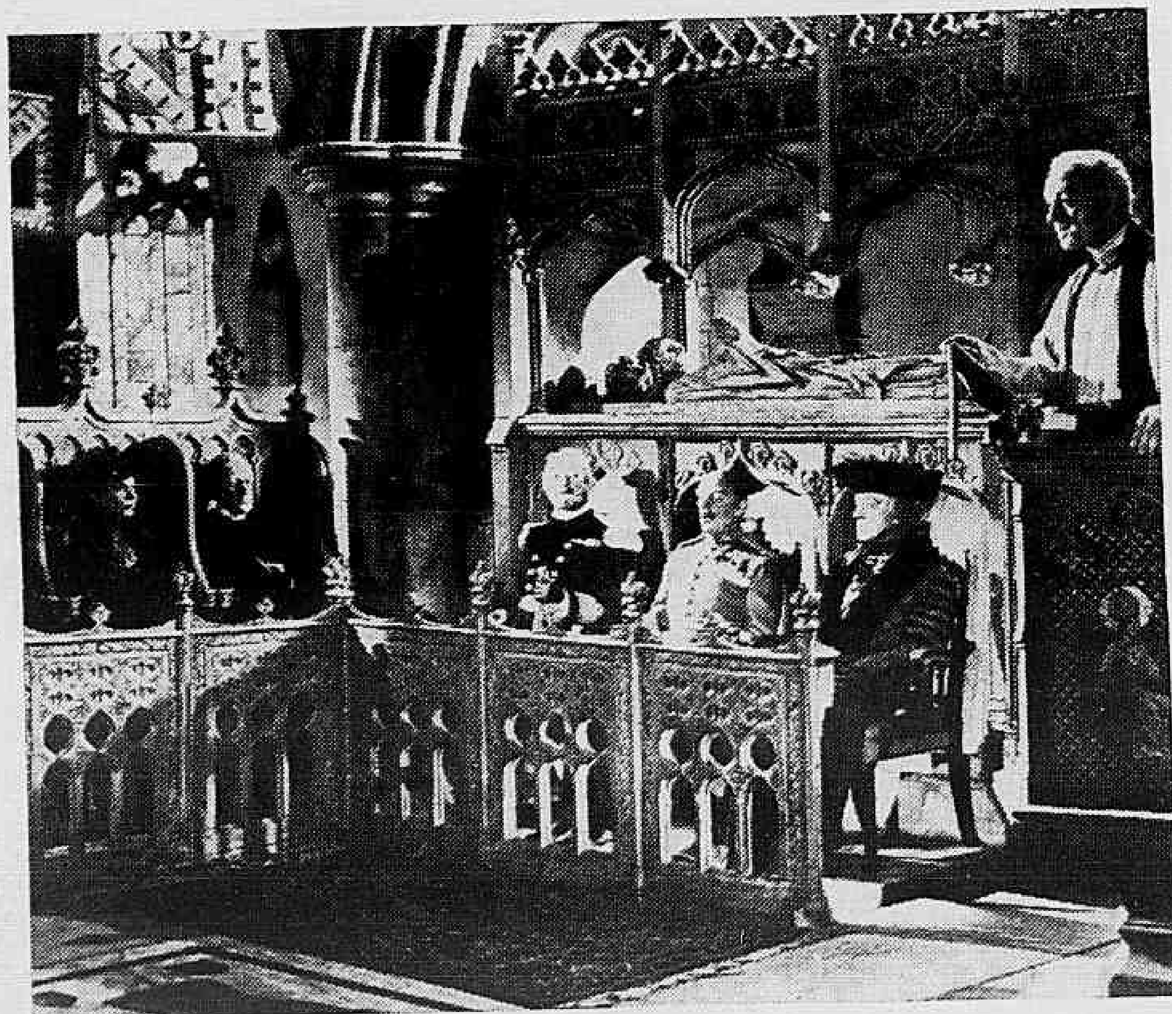
— Vais casar comigo?

— Não.

— Por que não?

— Entre outras coisas porque vou casar-me com Lionel.

— Com um sujeito que nada tem de cavalheiro!



— Preste atenção ao que está falando! Desde quando aqui é considerado cavalheiro um homem que passou a vida limpando as botas de um inquilino?

— Isso é crueldade sua, Sibella. Então esqueces que minha mãe era muito pobre?

— No entanto Lionel será algum dia muito rico.

— E talvez eu seja duque, com o tempo.

— Ou que lhe saiam asas aos porcos.

— Escute. Minha mãe era filha do sétimo duque de Chalfont..

— Eu sei, eu sei... Quando fores duque venha mostrar-me as flores de sua coroa e ficarei furiosa.

— Você há de se arrepender, Sibella.

— De qualquer maneira, casar-me-ei com Lionel e agora vou para a cama. Boa noite, futura Vossa Excelência...

E' evidente que o carcasmo de Sibella tem por único objetivo levantar uma barreira defensiva. Seu desprêzo não se dirige a pessoa do moço senão à sua pobreza. Prefere Lionel porque é rico e há de ser mais ainda. Louis assim compreende e seu ódio pelos d'Ayscone, de quem procedem

"KINDS HEARTS AND CORONETS"

ELENCO:

Louis	DENNIS PRICE
Edith	VALERIE HOBSON
Sibella	JOAN GREENWOOD
Duque, banqueiro, pároco, general, almirante, jovem Ayscone, Henry Ayscone e Lady Agatha	ALEC GUINNES

Película de J. Arthur Rank — Produção de Michael Balcon, de Ealing Studios — Distribuição: U-International. Direção de ROBER HAMER



suas desgraças, revive com a violência de um incêndio. Ah! se ao menos os conhecesse de vista!

Capítulo V

TAL como outros castelos da Inglaterra, o de Chalfont se abre, parcialmente, ao público, cada semana, a fim de que pela modesta soma de seis novelas o espetáculo de suas glórias passadas engrandeça o orgulho nacional. Louis d'Ayscone Mazzini decide que nada interessando a êle como a histórica morada de seus avós maternos e um dia se une aos visitantes que, sob a fiscalização de guardas uniformizados visitam as grandes salas e galerias do castelo, boquiabertos diante de retratos de senhores posudos, armaduras, e objetos antigos. Ao passar perto de uma enorme e sólida porta, Mazzini a abre e apesar da repreensão do guia que corrige o seu atrevimento, vê a um sólido sexagenário... o duque de Chalfont em pessoa! Não foi muito o que conseguiu, mas já é alguma coisa: Louis conhece agora "de vista" o principal de seus inimigos. E apenas uma semana mais tarde o destino o coloca frente a frente com outro inimigo. Sucede na loja onde trabalha vendendo lengerie. Uma parelha elegante: êle, de casaca polainas e bengala; ela, com umas flôres à guisa de chapéu de sol que pendem de seu complicado chapéu. Chegam os dois e lhe pedem os mais caros e primorosos artigos. Louis se apressa a oferecer à dama uma cadeira do outro lado do balcão e logo em seguida se ocupa em abrir caixa e mais caixas de papelão. Já leva o seu serviço mais de meia hora quando a dama indica sua preferência com um suspiro de resignação:

— Sim, é o melhor jôgo que tendes; haverá se servir-nos — decide. Podeis fazer o embrulho.

E voltando-se ao seu companheiro, acrescenta.

— Bem disse que estas lojas de Londres não valem as de Paris.

E dirigindo-se a Louis:

— Debite a importância na minha conta.

— Muito bem, senhor. Qual é vossa graça?

— Mr. Ayscone d'Ayscone.

Louis consegue reprimir seu gesto de surprêsa. Ayscone d'Ayscone é filho de Lord d'Ayscone, o banqueiro que renegou as esperanças de sua mãe e o reduziu à degradante posição em que se encontrava. Naturalmente, aguçou os ouvidos e ouviu:

— Reserve os aposentos no Cruikshan de Maidenhead. Iremos para lá na sexta-feira...

— Estais seguro de que não há risco?

— Seguríssimo. Lugar muito discreto, quase anônimo — responde d'Ayscone.

Nesse momento, adverte a curiosidade de Louis, colocando-lhe o cabo da bengala nos ombros, dizendo:

— Anda mais depressa com êsse pacote e escuta menos.

— Não ouse tocar-me novamente !Vossa estúpida conversa não me interessa — estala a fúria italiana no filho de Mazzini.

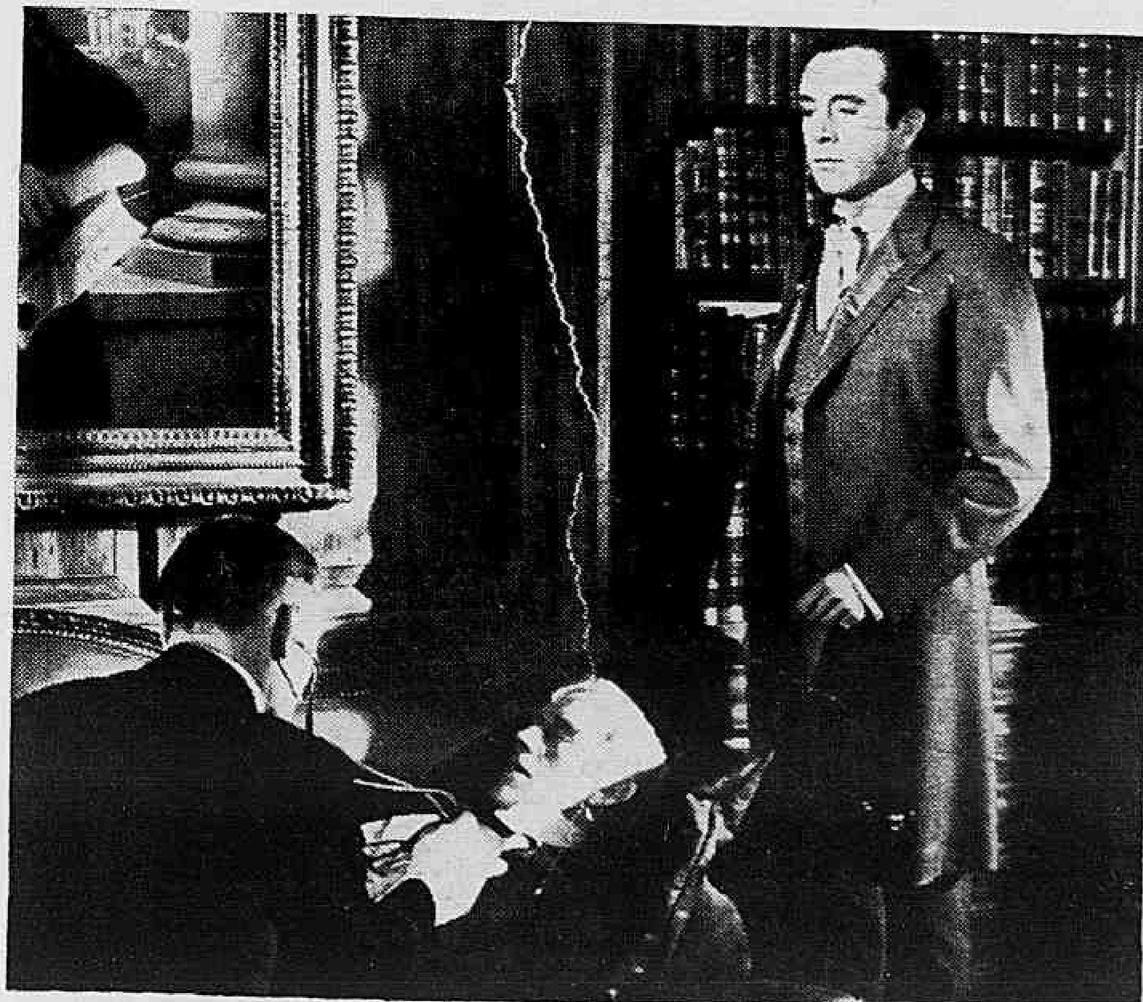
— Ah! com que então ainda é insolente ao seu freguês. Pois hás de ver quanto isso lhe custará!

— Com efeito, Louis foi despedido na mesma hora com uma semana de salário como única compensação. Sua raiva aumentou ao ponto de jurar que despedirá Aysconde d'Ayscone do mundo, sem aviso prévio, sùbitamente.

Capítulo VI

Encontra arsênico no consultório do Dr. Hallward; compra um traje de verão da úl-

(Cont. na pág. 28)





Em «Uma História de Amor», Jouvet encarna um inspetor da polícia francesa. Sóbrio, discreto e seguro no seu papel, fala pouco, mas cada palavra sua está cheia de significação.

O ÚLTIMO FILME DE JOUVET

"UMA HISTÓRIA DE AMOR", A ÚLTIMA CONTRIBUIÇÃO DE JOUVET, AO CINEMA FRANCÊS ★ DANY ROBIN E DANIEL GELNI, SÃO AS DUAS OUTRAS PERSONAGENS DE DESTAQUE DESTA PRODUÇÃO ★ UMA VERDADEIRA HISTÓRIA DE AMOR HÀBILMENTE DIRIGIDA POR MICHEL AUDIARD.

Por ALICE LA MAZIERE
(Do S.I.F., especial para a "CENA")

A idéia que inspirou o Michel, Audiard, autor do cenário e dos diálogos, pertence à mesma família espiritual que "Demain il sera troptard" que chamou a atenção de Paris inteira. Dois jovens muito puros estão apaixonados um pelo outro. Ora, os pais da moça, pessoas de idade já madura, opõe-se ao seu amor e os levam até ao suicídio. Mas enquanto que no filme de Leoni de Moguy a adolescente que se atira no lago foi salva, no de Michel Audiard termina tràgicamente.

A primeira imagem que nos é apresentada é a de um par enlaçado, dentro de um carro velho, numa estrada que vai dar numa garage. Dois guardas ciclistas avistam o rapaz e a moça, interpelam, sacodem os dois, constatam a morte... e vão levar a notícia. O inquérito policial, logo instaurado, está confiado a Louis Jouvet. O aparecimento do grande ator na tela é comovente, mesmo porque êste filme foi o **último** que êle rodou. Saiu-se excelentemente, ajudado pelo diálogo que é de uma grande sobriedade. Fala pouco, mas cada palavra sua está cheia de significação.

O inspector começa a agir e, por meio de uma volta retrospectiva, ficamos conhecendo o rápido e patético romance. Catarina é uma filha única de ricos burgueses. E' encarnada por Dany Robin que em "Deux sous de violettes" fêz uma criação notabilíssima. Ela se apresenta neste filme, alternativamente, risonha, séria, fina, encantadora, uma verdadeira moça como, nos momentos de emoção, uma qualquer coisa de Daniele Delorme de quem aliás, em "Colombe", continuou o papel que a atriz, por motivos de saúde, teve que mo-

mentâneamente abandonar. E nós vimos a cena e a tela enriquecida por uma autêntica vedeta. O seu partenaire é Daniel Gelin, cujos predicados são conhecidos. O par que êles formam atinge à perfeição. Jean é apoquentado por um pai gabarola e preguiçoso que, certo dia, foi muito descortês com seu patrão de então, justamente o pai de Catarina e para o qual trabalha Jean, auxiliar de contador nos escritórios.

O rapaz, apesar de constrangido pelo procedimento do pai, nem por isso deixa de ser um filho respeitador. Bem instalado, leva uma vida acomodada e quase não forma projetos para o futuro, parecendo-lhe fechado o horizonte. Quando, numa grande recepção dada pelo patrão, êle se encontra com Catarina que, cansada da gente da sua roda cujas atitudes e conversas maldosas aborrecem-na, a moça é atraída por êsse rapaz que não se parece com nenhum dos que pertencem ao seu meio. Jean é conquistado por tamanha graça e feminilidade agradável. Acham um jeito de se tornarem a ver, ora em casa do moço, ora no campo, e aí vêmos alegres paisagens à beira do rio, uma encantadora festa pastoril, "mise en scène" pela qual deve ser felicitado Guy Lefranc.

Seus rápidos encontros são de uma grande naturalidade, assim como quis o autor. Não se trata de um capricho, mas de um sentimento poderoso. Seria tão simples, autorizando o casamento, garantir a felicidade dêsses jovens! Mas o pai de Catarina se zanga.

Um rapaz sem fortuna tornar-se seu genro? Êle saberá como acabar com aquilo, vai mandar Catarina para o Canadá. Então os dois jovens se deixam invadir pelo mêdo. Com aquela proibidade cândida, não poderiam lutar. No carro que lhes serve de refúgio, conversam sôbre a sua agonia. Quando vêem avançar os inofensivos agentes, deixam-se persuadir que êles foram mandados em sua perseguição. O mêdo os empolga, perdem a cabeça, tinham o veneno fulminante de que Jean se munira. E a primeira seqüência nos mostra os dois, imóveis, cabeça de um apoiada no ombro do outro, paralizados pela morte.

Enquanto que, tantas vêzes no cinema, ùltimamente, fazem evoluir jovens "gangsters" sem fé, nem lei, representativos, como dizem, da mocidade moderna, Audiard, assim como Leonide Moguy, agem de modo contrário. E', por certo, um processo intentado contra os pais. A morte de Catarina lhes parece preferível a um casamento desigual, a espantosa desgraça que os atinge — lembrem-se de que não tem outro filho; nada lhes ensinou.

Esta história de amor é mais impressionante ainda porque é apresentada com tato e porque se move com facilidade e brio, num papel digno dêle, o grande ator cuja última criação foi esta.



O aparecimento na tela, de Jouvet, é realmente comovente, pois foi êste o último filme que êle rodou. Aqui está uma expressiva máscara do excelente ator, em «Ondine» de Giradoux, uma das suas magníficas criações para o teatro francês.



AREIAS ARDENTES



E L E N C O :

Gisela	FADA SANTORO
Dr Antônio Carlos	CYL FARNEY
Alberto	RENATO RESTIER
Leonor, espôsa de Alberto	LUIZA BARRETO LEITE
Ambrósio, capataz da fazenda	JOSÉ LEWGOY

Produção da Atlântida baseada numa novela de Eduardo P. Guimarães ★ Cenarização e direção de J. TANKO ★ Fotografia de: AMLETO ★ Diretor de produção: DÉCIO TINOCO.

CABO Frio com suas salinas, suas dunas e o espetáculo do mar sempre inquieto é para os nervos de Leonor, confinada com seu marido numa fazenda do lugar, uma tortura contínua. Alberto observa, com apreensão, a espôsa. Teme que ela enlouqueça naquela solidão. E' que Leonor é vítima de um ciúme mórbido. Daí o seu desequilíbrio, seus acessos freqüentes de cólera... Só se sente melhor quando se refugia, com uma velha empregada, num sinistro casarão que fica perto da propriedade e que também pertence à fazenda.

Foi nessa ocasião que chegou à fazenda a irmã mais nova de Leonor, vinda de um colégio onde estivera interna. Gisela é bem mais moça que Leonor e esta não pôde conter a sua admiração ao vê-la. Julgava-a ainda uma criança, mas o que tem diante de si é uma jovem de perturbadora beleza. Percebe que Alberto está também fascinado com a presença da cunhada. Quem tudo observa à distância é Ambrósio, capataz da fazenda, que conhecera Gisela menina e que a devora também com os olhos. Ambrósio não suporta Alberto. E sua maior ambição é um dia apossar-se da fazenda, vingar-se dos longos anos de servidão. E' êle, em parte, a causa do descontrôle nervoso de Leonor, pois vive a distilar, no seu espírito fraco, o veneno da intriga. O tempo corre e, enquanto Alberto sente-se mais alegre com a presença de Gisela, Leonor mostra-se mais irritadiça. Gisela, por sua vez, não tarda a se sentir entediada naquela casa onde

nada havia para distrair a sua mocidade. Gisela tinha ânsia de viver. Sua mocidade exuberante não suportava a monotonia daqueles dias sempre iguais. Alberto percebe a sua inquietação e, a pretexto de distraí-la, passa a sair freqüentemente com a cunhada. E uma vez, quando os dois saíram de barco e voltaram tarde, ela não pôde se conter e interpelou o marido. Êste limita-se a dar de ombros... Leonor sofre profundamente com aquela indiferença. Gisela, que já percebera o interêsse que despertara no cunhado, explora a situação a seu favor voltando-se freqüentemente contra a irmã e censurando-a pelos modos bruscos e pela vida que leva longe de tôda a vida social do lugar, metida sempre dentro de casa. Leonor sofre com isso. Sabe que é culpada, mas reconhece que nada pode fazer... Gisela é tão diferente dela.

Ela era um estôrvo à felicidade daqueles dois sêres feitos um para o outro. E um dia tem uma crise mais forte. Recolhe-se ao casarão sinistro. Alberto chama o dr. Menezes, médico do lugar. Mas Leonor não resiste à morte. Morte estranha, de que apenas Ambrósio parece conhecer o terrível segrêdo.

Gisela é agora a espôsa de Alberto. Mas a felicidade que julgara encontrar ao lado daquele homem de atitudes polidas e riso amável, logo se desvanece. Paira entre ambos a sombra da morta. Gisela não pode olhar para o retrato de Leonor, pendurado na sala de jantar, sem sentir uma ponta de remorso. Alberto lhe dissera que Leonor se suicidara numa de suas crises de nervos. Quem sabe se não fôra ela a culpada? E essa idéia se torna uma obsessão para Gisela, a tal ponto que seus nervos também se descontrolam. Alberto inquieta-



se com seu estado de saúde e manda chamar Antônio Carlos, seu sobrinho, jovem médico psiquiatra que se vinha destacando nessa especialidade.

Ao receber o telegrama do tio, Antônio Carlos mostra-o à sua noiva Sílvia. Esta se opõe a que êle vá. Afinal, aquêle tio nada fizera por êle. Mas Antônio Carlos coloca acima dos seus interêsses pessoais o seu dever profissional. Sílvia conforma-se, afinal, e o médico parte para Cabo Frio.

★

Gisela recebe o médico com frieza. Procura mesmo hostilizá-lo, mas no íntimo acha-o simpático. Êle é tão jovem quanto ela. E tem umas atitudes tão delicadas, um ar tão distinto... Quem não olha o médico com bons olhos é Ambrósio. Êste tem uma paixão recalcada por Gisela e compreende que o médico não tardaria a dominar o coração da jovem. Antônio Carlos percebe a hostilidade do capataz, mas não lhe dá atenção. Sua única preocupação é curar Gisela e partir para junto de sua noiva. Há qualquer coisa de estranho em tudo isso... mas Antônio Carlos trata de pôr em prática o seu método de cura. Procura ganhar a confiança de Gisela, arrancá-la de si mesma... E, aos poucos, consegue o seu objetivo. Gisela consente em sair com êle, correr pela areia da praia... Parece melhor disposta. Mas, à medida que a cura progride, uma transformação se opera nos sentimentos de Gisela. Ela passa a odiar o marido e a desejar o médico. Envolve-o com os seus encantos... Antônio Carlos sente-se perturbado quando descobre que êle também sente algo mais por Gisela do que o simples interêsse por um caso clínico difícil... E na sua consciência trava-se um terrível conflito. Não... seria infame... Afinal, Gisela era espôsa de seu tio... Mas a convivência forçada, aquela visão constante da beleza de Gisela são mais fortes. E Antônio Carlos tem um momento de debilidade. Seus lábios encontram-se com os de Gisela num beijo que tinha um sabor de pecado... Ambrósio, que já notara o que havia entre os jovens, não esconde o seu ódio pelo médico... Alberto também percebe o que se passa entre Gisela e o sobrinho, mas nada deixa transparecer...

O drama cresce de intensidade entre êsses personagens insulados na fazenda. Gisela tudo faz para convencer Antônio Carlos a fugir dali com ela. Confessa que odeia o marido, que não pode mais suportá-lo, que deseja ser feliz... Mas o médico hesita e, inexperiente, consulta o dr. Menezes, o médico do lugar, que se fizera seu amigo. Êle conta-lhe então algo de estranho sôbre a morte de Leonor. A hipótese de suicídio não lhe parecia muito certa... Havia ali algo que não fôra bem explicado. Antônio Carlos



(Cont. na pág. 82)

GRANDE "ENQUÊTE" DE A CENA

EM COLABORAÇÃO COM AS RÁDIOS CLUBE E CONTINENTAL

QUAIS OS MELHORES DO CINEMA NACIONAL EM 1951?

COMO todos os anos, A CENA apresenta aos seus leitores a sua "enquête" sôbre os Melhores de 51. No entanto, a fim de simplificar o inquérito que iremos fazer junto aos fãs cinematográficos, limitamos nossa consulta exclusivamente à produção NACIONAL. Ao mesmo tempo, conseguimos ampliar o vulto dêste empreendimento, tornando-o mesmo um dos maiores até então realizados. Para isso entramos em "cadeia" com duas grandes emissoras do Rio (RÁDIO CLUBE DO BRASIL e EMISSORA CONTINENTAL). Essas três fôrças, assim reunidas, levarão a efeito êsse concurso sensacional.

INSTRUÇÕES PARA OS VOTANTES

1. O "Voto" ao lado deverá ser preenchido em letra bem legível.
2. Compreende-se por "ator" e "atriz" as figuras que tiveram papéis PRINCIPAIS nos filmes exibidos.
3. Não é necessário indicar o nome da fita em que tenham trabalhado; basta citar o nome do astro e da estrêla.
4. Não serão aceitos votos que não vierem acompanhados do respectivo "COUPON".
5. Os coupões devem ser rigorosamente preenchidos, sem o que não serão tomados em consideração.
6. Cada leitor terá direito, exclusivamente, a UM VOTO.
7. As fitas que tomarão parte neste certame são as que foram lançadas no decorrer de 1951 no Rio de Janeiro, cuja lista fornecemos abaixo.
8. Êste concurso será encerrado a 29 de fevereiro, não se computando os votos que chegarem depois dessa data.

FILMES QUE CONCORREM

(Lançados em 51 no Rio)

★ CASCALHO
★ MAIOR QUE O ÓDIO
★ AVISO AOS NAVEGANTES
★ TERRA SEMPRE TERRA
★ CORAÇÃO MATERNO
★ ANJO DO LÔDO
★ O MEU DIA CHEGARÁ
★ TOCAIA
★ HÓSPEDE DE UMA NOITE
★ SUSANA E O PRESIDENTE
★ MILAGRE DE AMOR
★ O COMPRADOR DE FAZENDAS
★ MARIA DA PRAIA
★ AÍ VEM O BARÃO
★ PRESENÇA DE ANITA
★ GARÔTA MINEIRA
★ FALSO DETETIVE

CORRESPONDÊNCIA:

Os votos devem ser remetidos para:

"QUAIS OS MELHORES DO CINEMA BRASILEIRO"
Redação de A CENA

Rua Visconde de Maranguape, n.º 15
Rio de Janeiro.

PRÊMIOS PARA OS VENCEDORES

a) Serão conferidas estatuetas simbólicas, especialmente confeccionadas aos vencedores do certame.
b) Será realizada uma solenidade, em dia hora e local que serão oportunamente anunciados, com a presença das celebridades do Cinema Brasileiro, quando, então, será feita a entrega dos prêmios.

PRÊMIOS PARA OS LEITORES

a) Cada leitor que enviar o seu "voto", terá direito a receber uma fotografia autografada, do astro e da estrêla eleitos (desde que o seu voto haja contribuido torná-los vencedores).
b) Serão sorteadas seis assinaturas anuais de A CENA entre TODOS os votantes, sorteio êsse que será realizado na solenidade da entrega das estatuetas.

VOTO

MELHOR FILME:

....

MELHOR ATOR:

....

MELHOR ATRIZ:

....

MELHOR DIRETOR:

....

COUPON:

Nome ....

Pseudônimo (não é obrigatório) ....

Rua ....

Cidade .... **Estado** ....

Assinatura (indispensável) ....

....



Neste alegre e sugestivo flagrante apanhado nos estúdios da U-International, vemos um grupo de promissoras «new-faces» que dia a dia vêm-se impondo na apreciação e no conceito dos fãs. Da esquerda para a direita vemos: Susan Cabot («Flame of Araby»); Tony Curtis («Prince Who Was a Thief»); Peggy Dow («Bright Victory» e «Reunion in Reno»); Piper Laurie Prince «Who Whas a Thief»); Júlia Adams («Hollywood Story»); Bárbara Ann Knudson («Cimarron Kid»); Jouce Holden («Iron Man»); Roc Hudson («Iron Man»);; Peggy Castle («The Golden Horden»).

Flashes Mundiais

ESTADOS UNIDOS

O escritor Ernest K. Gann é um tipo sumamente curioso. Quando escreveu a adaptação cinematográfica de sua novela de grande aceitação, "Fiddler's Green", para que a U. I. a levasse à tela com o título de "The Racing Tide", o autor incluiu uma cena na qual uma onda gigantesca se arrebenta sôbre a coberta de um barco de pesca durante a tempestade, varrendo o astro Charles Bickford de proa a pôpa. Em data recente, Gann deixou sua casa em São Francisco, tomou um avião que aterrissou em Burbank as 4.30 da tarde a 600 quilômetros do ponto de partida e correu aos estúdios da Universal-International só para ver como se representava a antes mencionada cena. Faltavam exatamente dez minutos para as cinco, quando o diretor George Sherman deu a ordem que precipitou sôbre a coberta aonde estava Bickford, nove toneladas e meia de água de uma altura de dez metros. O astro sem ter tempo de dar um grito foi arrastado pela onda. "Extraordinário" comentou o diretor Sherman. E as cinco e vinte Gann se achava de novo no aeroporto de Burbank tomando um avião para estar de volta à sua casa em São Francisco, na hora do jantar.

★

Hollywood, que prima pela imaginação acaba de encontrar uma nova aplicação para os esparadrapos. No filme da Universal "Heróis da... Retaguarda" que protagonizam Tom Ewell e David Wayne encarnando a "Willie e Joe" a famosa dupla de soldados das historietas de Bill Mudin, aparecem numerosas cenas de hospital nas quais se vê os combatentes com braços e pernas engessados. Êste filme trouxe um sério problema em vista do trabalho que da para colocar e tirar o gêsso dos feridos e o Dr. Thomaz Hearn encontrou a solução cortando o gesso ao meio e unindo suas bordas com esparadrapo.

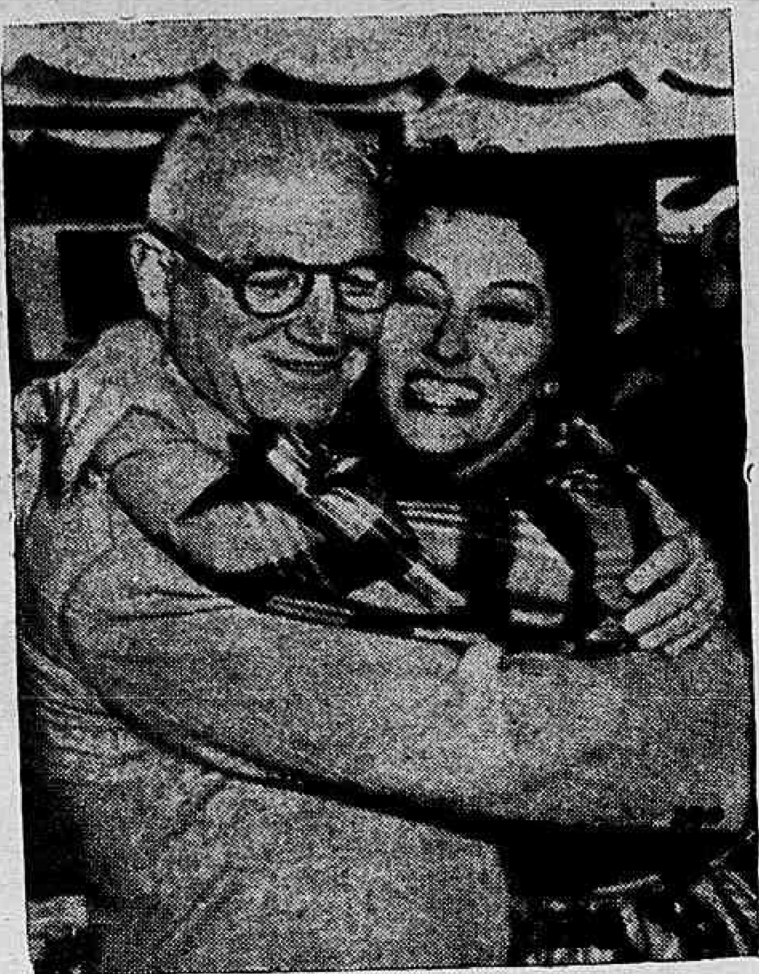
★

Os diretores da Universal passaram uma noite de verdadeira angústia durante a filmagem da nova fita "Francis nas Corridas" (Francis goes to the Races). A causa desta aflição foi o desaparecimento de mesmo Francis, o famoso mulo que fala, protagonista do filme. O mulo foi levado para tirar fotografias de publicidade e por um descuido se confundiu com outros mulos, não dotados das qualidades que distinguem Francis. Ninguém podia assegurar sem mêdo de equivocar-se qual era o verdadeiro Francis, até que Donald O'Connor astro do filme resolveu o assunto. Todos os mulos estavam em fila e quando O'Connor deu a ordem militar "Meia Volta" só um dos animais obedeceu, era Francis.

★

William Holden e Nancy Olson que apareceram romanceando pela 1ª vez em "Crepúsculo dos Deuses" e logo a seguir em "Rastro Sangrento", fazem uma vez mais os namo-

DE TODO O MUNDO



Apesar de vegetariana, não faltam fôrças à Glória Swanson, para abraçar efusivamente a seu velho amigo Alair Dwan, que não via há quinze anos, e que foi seu diretor em «Zazá» e «Manhandled», quando ela iniciava a sua carreira.

UM PUNHADO de grandes películas apresentará a London Films, na temporada de 1952, por intermédio da U.C.B., que fará no Brasil a distribuição dos filmes da conhecida produtora britânica. Entre êles destacam-se: (todos ainda sem títulos em português) — "The Wonder Kid" — "The Angel with the Trumpet" — "The Wooden Horse" — "Flesh & Blood" — "The Last Days of Dolwyn" — "The Small Voice" — "The Small Back Room" — "The Lady with a Lamp" — "Outcast of the Islands" — "Ultimatum" — "Lady Godiva Rides Again" — "The Sound Barrier" — "Bonnie Prince Charlie" — "Mr. Dennings Drives North" — "White Gradle In" — "The Shop at the Sly Corner" — "Spring in Park Lane" — "The Elusive Pimpernel" — "Night Beat" — "Into the Blue" — "Seven Dayues to Noon" — "Odette" — "Maytime in Mayfair" — "Happiest Days of Your Life — "Saint and Sinner" — "The Interrupted Journey" — "The Winslow Boy" — e mais "Contos de Hoffmann", que abrirá a temporada.

★

EVA-INGEBORG SCHOLZ, é nome da estrêla alemã, que empresta atualmente sua còlaboração ao cinema francês. Depois de haver feito sete filmes em sua pátria, Eva, foi escolhida para aparecer ao lado de Jean-Pierre Kerien, em "Le Banquet des Fraudeurs", do qual a grande intérprete Françoise Rosay é a estrêla.

★

GROUCHO MARX, um dos componentes da famosa trinca cômica conhecida como Marx Brothers, será possìvelmente eleito Reitor Honorário da Universidade de Edimburgo. Todos os anos os estudantes daquela Universidade britânica escolhem duas personalidades famosas a quem conferem o título de "Reitor Honorário". Desta feita foram escolhidos Groucho Marx e Mussadecq, político persa, que promoveu a nacionalização do petróleo. Ignoram-se as razões desta escolha, talvez por ser Groucho, um grande cômico e Mussadecq, um grande trágico.



Em «São Francisco de Assis», o discutido filme de Roberto Rosseline, Aldo Fabrizi terá um ótimo trabalho e apresenta uma magnífica caracterização. Na foto vemos o grande artista numa cena do citado filme.

★

GEZA VON BOLVARY, o conhecido diretor alemão, iniciou recentemente os trabalhos de "Olhos Negros", película que conta no seu "cast" com os nomes de Willy Quadflieg, Angélica Hauff, Cornell Borchers e a nossa conhecida Rosita Serrano.

rados em "SUBMARINE COMMAND", cujo título será provàvelmente, "O TIGRE DOS MARES". Ao lado dêles neste filme da Paramount, temos: William Bendix e Don Taylor.

★

Em "RAGE OF THE VULTURE", da Paramount, temos o imponente "quatuor" de figuras de projeção: Alan Ladd, Charles Boyer (personificando um indú, desta vez), Deborah Kerr e Corinne Calvet.

★

Vocês vão travar conhecimento com "Rubhbard", o gatinho travêsso que é o "astro" (sim, o "astro!") de "RUBHARB", engraçadíssima produção da Paramount. Embora tenha Ray Milland e Jan Sterling no elenco, êste filme tem de ponta a ponta um felino fazendo diabruras e que se mostra muito à vontade deante da "câmera..."

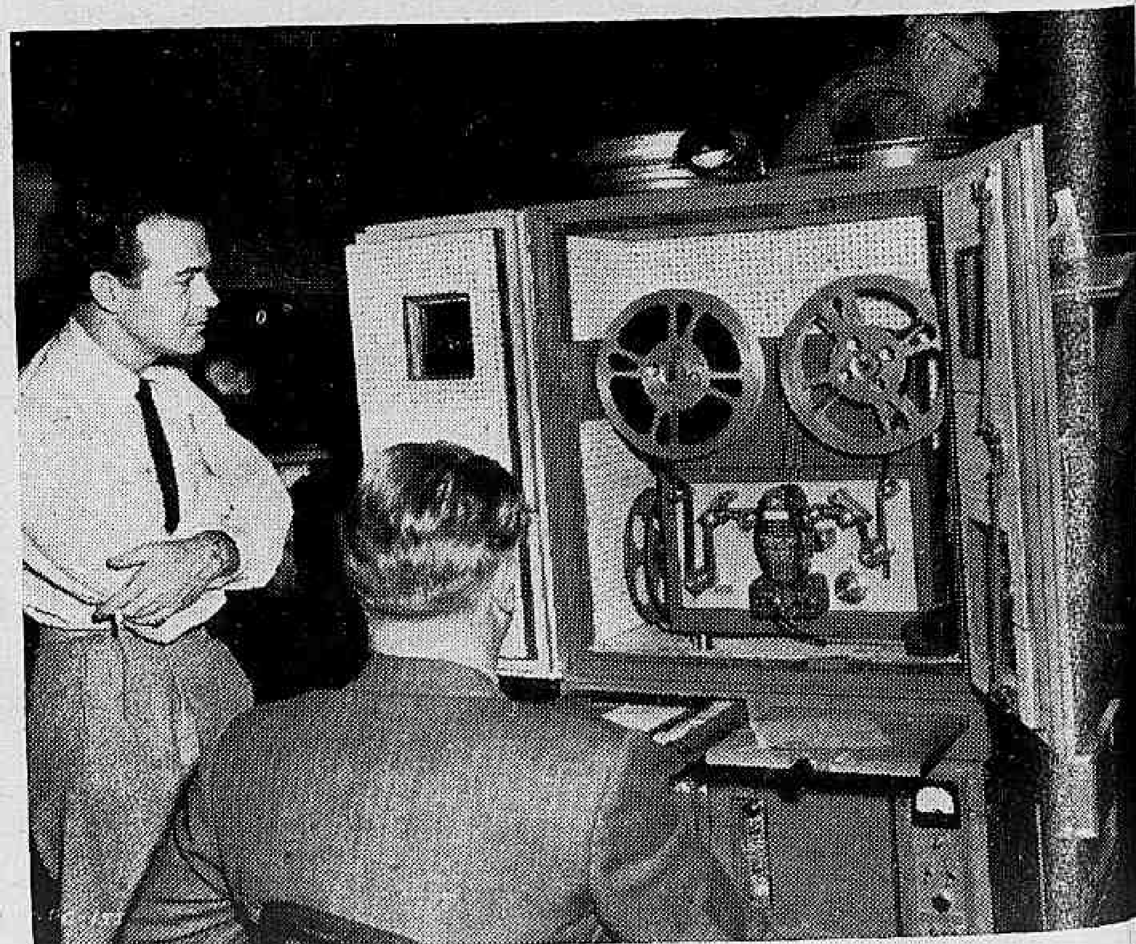
★

No cenário onde se filmou a fita da Universal "A Princesa e os Bárbaros" (The Golden Horde) reinou um ambiente de desafio, quando o ator David Farrar atravessou a passos largos os salões do palácio de Samarkanda para ter uma cortez conversação com a princesa daquelas terras, Ann Blyth. A uma ordem dada pelo diretor George Sherman as cameras do (Technicolor) começaram a rodar e Farrar iniciou seu discurso.

"Senhora, sou enviado da longíqua Inglaterra para destruir os vossos inimigos com as novas máquinas de guerra que temos inventado. Nossa



A vida cinematográfica de Stephen McNally, não impede absolutamente que êle passe bons momentos ao lado de sua família, em sua casa de Beverly Hills. Tão pronto se desfaça de suas obrigações no estúdio, êle vai para casa e ali em companhia dos seus, desfruta as delícias de um lar feliz. Na foto vêmo-lo junto a seus 3 filhos, nos jardins de sua residência.



Mark Stevens, o galã de Peggy Dow em «Reunion in Reno», é visto aqui ao lado do técnico de son Don Cunliffe, da Universal International, quando assistia as provas de um novo processo de gravação, que atualmente vem sendo empregado com grande êxito em Hollywood, e consiste no emprêgo de fitas imantadas, método êsse que vem causando verdadeira revolução no sistema de gravação dos filmes.



Um novo par romântico vem causando sensação em Hollywood. Êle é Farley Granger, galã que desfruta atualmente de grande popularidade, e ela é Peggy Dow, uma nova estrêla que começa a projetar-se com grande brilho. Ambos serão vistos juntos em «I Want You», produção de Samuel Goldwyn, que inclui ainda em seu elenco os nomes de Dorothy McGuire e Dana Andrews.



De volta da sua recente viagem à Argentina, onde sob a direção de Ton Connors, filmou «Way of a Gaúcho», passou ràpidamente pelo Rio, em princípios do corrente mês, a atriz cinematográfica Gene Tierney. No flagrante acima tomado no aeroporto desta cidade, vemos da esquerda para a direita: o ator Hugh Marlow, Gene Tierney, o diretor Ton Connor's, o ator Charles Roberson e o técnico de «make-up» Hug Maret, que tem ao colo, Tina, a filhinha de Miss Tierney.

imaginação criou tôda sorte de máquinas...

Naquele momento um grande avião sobrevoou o espaço sôbre suas cabeças apagando por completo as palavras do ator. Sem a menor vacilação, Farrar prosseguiu: "Também nos cabe a glória de ter construido gigantescas máquinas voadoras que produzem o ensurdecedor ruido de mil moinhos de vento. Se, meus ouvidos não me enganam, senhora, sôbre nós voa agora uma delas".

★

Mario Lanza, o incomparável intérprete de "O Grande Caruso" deverá em breve dar início a seus trabalhos em BECAUSE YOU'RE MINE, technicolor que apresenta o festejado tenor noutro belíssimo musical. Será secundado por James Whitmore, Doretta Morrow, Eduard Franz, Curtis Cooksey e Paula Corday, que a Metro reúne num grande elenco.

★

Filmes Metro-Goldwyn-Mayer, que serão lançados no corrente ano: ASSIM SÃO OS FORTES (Across the Wide Missouri, technicolor), Clark Gable, Ricardo Montalban, John Hodiak, Adolphe Menjou, J. Carrol Naish, Jack Holt: SINFONIA EM PARIS (An American In Paris, technicolor), Gene Kelly, Leslie Caron; BENDITO ESCÂNDALO (Bannerline), Keefe Brasselle, Sally Forrest, Lionel Barrymore; ESPERTO CONTRA ESPERTO (Callaway Went Thataway), Fred MacMurray, Dorothy McGuire, Howard Keel; LONDRES À MEIA-NOITE (Calling Bulldog Drummond), Walter Pidgeon, Margaret Leighton; SANTOS E PECADORES (It's a Big Country, Ethel Barrymore, Keefe Brasselle, Gary Cooper, Nancy Davis; A CHUVA ME TORTURA (I was a Stranger, novo título para "Rain, Rain, Go Away), Ralph Meeker, Nancy Davis, UMA SANTA E UM PECADOR (The Light Touch), Stewart Granger, Pier Angeli; O MELHOR É CASAR (Love is Better Than Ever), Larry Parks, Elizabeth Taylor; O HOMEM DAS SOMBRAS (The Man with a Cloak), Joseph Cotten, Barbara Stanwyck; PANDORA (Pandora and the Flying Dutchman, technicolor) James Mason, Ava Garden; QUO VADIS (Quo Vadis, technicolor), Robert Taylor, Deborah Kerr; A GLÓRIA DE UM COVARDE (The Red Badge of Courage), Audie Murphy, Bill Mauldin; A SEREIA E O SABIDO (Texas Carnival) Esther Williams, Red Skelton; O SENHOR DESCONHECIDO (the Unknown Man) Walter Pidgeon, Ann Harding, Barry Sullivan.

★

Uma piada muito conhecida conta que um ator cinematográfica depois de ter representado uma cena de amor com sua heroina, chega em casa e se joga no sofá para exclamar em presença de sua espôsa: "Estou cansadíssimo! Que maneira de trabalhar na oficina!" Pois bem, o conto não causou nem um pouco de graça para Ricardo Montalban. Em "A MARCA DO RENEGADO" uma história sucedida na cidade de Los Angeles em 1824, Montalban estêve também muito "atarefado na oficina" beijando sua heroina, Cyd Charisse. Mas para poder obter de seus vermelhos lábios o ansiado beijo teve antes que fazer o seguinte: sustentar um tremendo duelo à espada com Gilbert Roland; levantar um acrobata sôbre sua cabeça e atirá-lo pela janela; brigar numa taverna; receber um golpe na cabeça com a culatra de uma pistola e correr durante uma hora fugindo dos soldados.

★

Kathryn Grayson tornou-se francamente uma "caçadora de talentos". Graças à querida "estrêla" da Metro, Hollywood encontrou uma nova personalidade em Lillian Kassan, que deverá fazer sua estréia em LOVELY TO LOCK AT, musical em technicolor em filmagem. Kathryn estava assistindo a um desfile de peles quando viu a moça. Sabendo que os estúdios andava à procura de belos modelos para a seqüência de modas na película, sugeriu ao diretor Mervyn Le Roy a escolha da pequena. Meses depois, Miss Kassan era escolhida pela revista "Look" como a "moça dos lábios mais bonitos da América".

★

Pier Angeli, a encantadora "estrêla" de TERESA, começou recentemente suas lições de trapézio para o papel que desempenhará no filme, ora em preparação, THREE LOVE STORIES, ao lado de Fernando Lamas e Leslie Caron.

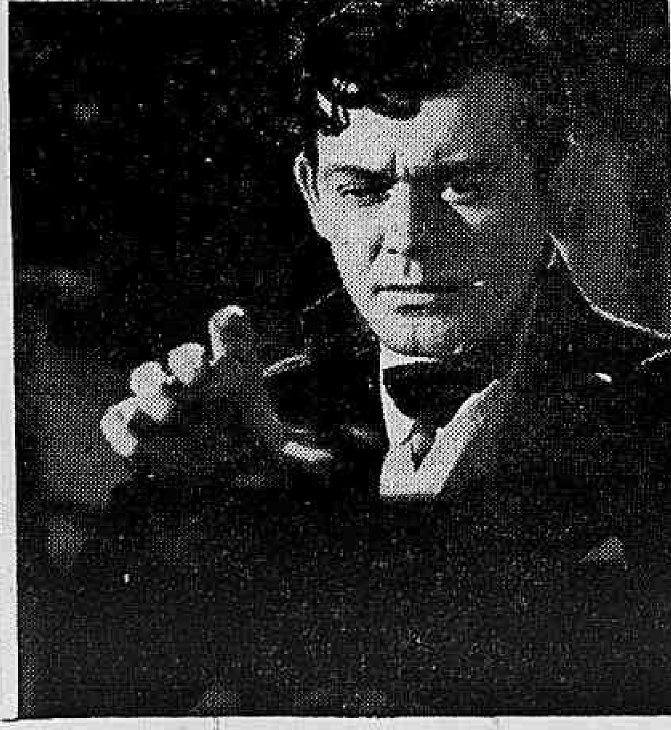
ANSE
DUA
QUER SE

TERMINOU "TIC
NATA", PRÓXIM
TÔNIA CARRER
E ZIEMBINSKI ★
MERAMAN" DE
RETOR D

Reportagem

ANSELMO DUARTE vai aparecer assim em «Appassionata», seu próximo filme, que também gira em tôrno da música, desta vez, porém, é Beethoven mesmo e não Zéquinha de Abreu, como em «Tico-Tico».





SOB A DIREÇÃO de Fernando de Barros, Anselmo trabalha nos estúdios paulistas de São Bernardo do Campo. Seu sonho é ser diretor, e espera um dia poder realizá-lo.

SÃO PAULO, janeiro

ANSELMO DUARTE
para a Vera Cruz,
"Tico no Fubá", a grand
Zampari, que nada poup
ca da vida de Zequinha d
tográfica de S. Bernardo
As pessoas que já vira
promovidas no estúdio, a
tivo de Anselmo Duarte,
como o artista n.º 1 do
gum exagêro, mas o pró
muito reservado e pouco
já demonstrou o seu ent
selmo. "Êste rapaz vai l
da Anselmo, uma noite
reunião oficial dos "ast
lista.

"A CENA" CONTA
QUERD

Pois Anselmo não está
de tudo. Êle é em São P
do. O seu "Jaguar" cinza
de São Paulo. Onde êle
trânsito. Êle é apontad
uma vida de "Cartaz".
visto com êle. Não há fes
presença.
Mas (e aqui é que co
reportagem), o galã do
nuar galã. Ou melhor,
mo viveu quase um ano
vivendo diàriamente co
ta coisa. Viu Celi dirigir
de fazer alguma coisa, n
ra os amigos mais íntim
nará realidade ainda em

UM FILME

Anselmo Duarte tem
Vera Cruz. Mas o contra
me no Rio, nos estúdios
selmo aproveitará esta
"astro", mas também
mesmo, num argumento
ge Doria.

NÃO DISS

Ao repórter que o foi
nem desmentiu a notícia
me, ainda no próximo
— Ainda é cedo para
nou há pouco "Tico-Tico
de verdade, em que te

ELMO
RTE
DIRETOR

TICO" ★ "APASSIO-
FILME, AO LADO DE
ALBERTO RUSCHEL
AY STURGES, O "CA-
AMLET", SERÁ O DI-
OTOGRAFIA.

PAULO KALAMAR

ecial para A CENA MUDA)

erminou o seu primeiro filme
tão falado e esperado "Tico-
berança dos estúdios Franco
ara fazer da versão romanes-
re o maior "hit" da cinema-

filme, nas sessões reservadas
um que êste é o filme defeni-
consagração total e absoluta
ca nacional. Talvez acha al-
ódiretor, Adolfo Celi, sempre
onsivo apesar de ser italiano,
no pela performance de An-
o foi o que disse, apontan-
no "Nick Bar", o ponto de
"estrêlas" do cinema pau-

NOVIDADE: ANSELMO
DIRETOR

ávelamente satisfeito, apesar
Para espécie de rei. Tem tu-
a dos carros mais conhecidos
ea, "fecha" o tempo. Para o
d ma, assediado. Enfim, ela
rquerem ser seus amigos, ser
esâ na que não reclame a sua

ora verdadeira história desta
a nacional não quer conti-
nt continuar só galã. Ansel-
údios de S. Bernardo, con-
mos estrangeiros. Viu mui-
r u que êle também já po-
ne. Quer ser diretor. E, pa-
ncia que êste sonho se tor-
n

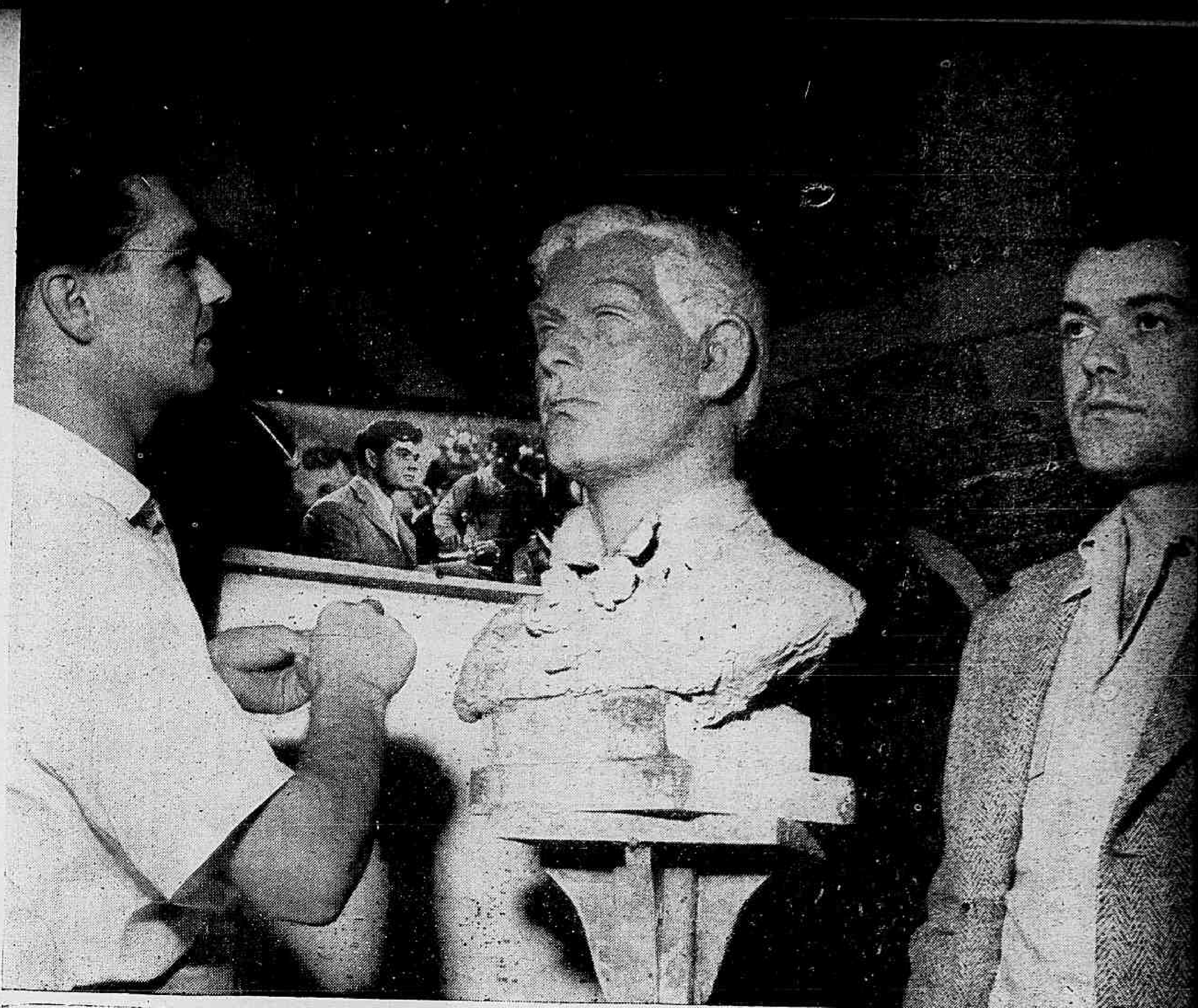
F VERA CRUZ

co por mais dois anos com a
ra ermite fazer mais um fil-
dida. E ao que parece, An-
ch ra aparecer, não só como
co sta", dirigindo-se a êle
co agrado ator e autor Jor-

SS NEM NÃO.

i Anselmo não confirmou,
ia intenção de dirigir um fil-
a

a próximos filmes. Termi-
có", uma grande produção
en unidade de trabalhar ao
(Cont. na pág. 28)



ATÉ UM BUSTO já fizeram de Anselmo, mas foi para as cenas de «Tico-Tico», o escultor Germano, encarregou-se desta tarefa. Os habitantes de Salto, onde nasceu Anselmo, pediram uma cópia da estátua para inaugurá-la no jardim público da cidade.





O BARCO DAS ILUSÕES

Capítulo IV

MAGNOLIA regressou ao quarto alugado, após sua visita ao penhor, onde levara o casaco. O dinheiro obtido dera para algumas coisas, presentes para Gay, e para sua inestimável bengala, que ela havia redimido. Tirou o casaco, e começou a arrumar o quarto. Sùbito a porta abriu-se.

Era a senhoria, acompanhada de Frank e Ellie Schultz, a quem Magnolia não via, desde que deixara o Cotton Blossom.

— Frank. Ellie. Que grande surprêsa!

— Sempre bonita, Nolie — disse Frank, surpreso ao vê-la.

— Que estão fazendo por aqui? O que aconteceu? — Perguntou Magnolia.

— Bem, estamos atualmente no Trocadero, para passar a Véspera de Ano Novo.

— Mas logo que pudéssemos iríamos dar um pulo no Hotel Sherman para fazer-lhe uma visita. O Capitão Andy disse que vocês estavam morando lá — acrescentou Ellie.

— Não — disse Magnolia. — Nós moramos aqui.

— Por enquanto — interveio a senhoria. — O marido da senhora disse-me há pouco que êle estava de partida.

—Deve haver algum equívoco — interrompeu Magnolia. Voltou-se para a porta do quarto de dormir e chamou: — Gay, querido, venha ver quem está aqui.

(Conclusão do número anterior)

Novelização do filme da Metro-Goldwyn-Mayer, baseado na imortal peça de autoria de Jerome Kern e Oscar Hammerstein II, «Show Boat». Extraído da novela de Edna Ferber. — Novelização de M. G. Maynard.

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA — Gaylord Ravenal, jogador do Mississippi, ao sofrer os reveses da sorte procura o Teatro Flutuante Cotton Blossom com o objetivo de conseguir passagem até Nova Orleans. Vem a conhecer Magnolia Hawks, filha do Capitão Andy e Parthenia Hawks, proprietários do Cotton Blossom. Sentem-se atraídos fortemente um pelo outro. Quando a figura feminina central da companhia, Julie Laverne é forçada a abandonar o barco, acompanha-a o galã da emprêsa, Stephen Baker. Gaylord junta-se à companhia na qualidade de ator e Magnolia toma o lugar de Julie. Obtêm tremendo sucesso. Apesar da oposição dos pais da moça, Gaylord ganha a vida jogando. No comêço é favorecido pela sorte, e a vida lhe é um mar de rosas. Depois, a sorte vira e as coisas ficam negras. Embora encontrem-se ambos ainda com o mesmo fervoroso amor de antes, não podem evitar as querelas, e Gaylord certa vez, após uma discussão, parte do pequeno quarto onde moram.

Ninguém respondeu. Magnolia abriu a porta. O quarto estava vazio, porém sôbre a mesa de cabeceira havia uma nota. Apanhou-a, leu-a, e em seguida entregou-a a Ellie.

Ellie leu-a alto:

"Minha querida: Ao tempo em que você ler esta, estarei num trem a caminho do oeste. O que você disse era verdade, desde o campo. Êste dinheiro ajudá-la-á a voltar para a companhia daqueles que a amam. Não como eu sempre a amarei, porém de modo mais seguro e sem riscos. Lembre-se dos nossos bons tempos e esqueça tudo mais. Dessa forma, pelo menos, você nunca me odiará. — Gay".

Esta era a segunda-feira triste que tanto temera seu pai, o Capitão Andy.

A confusão reinava no Trocadero. Jake, o gerente, inspecionava um enorme letreiro, que dizia: FELIZ ANO NOVO. No palco um uniciclista estava praticando seu trabalho. A um lado, coristas estavam ensaiando alguns passos novos. Era uma cena

típica de teatro, de ensáios e preparação para a grande estréia.

A um canto, cercado de amigos, numa mesa, encontrava-se Julie Laverne. Os poucos anos de ausência não lhe haviam afetado as feições porém acrescentaram tristeza à sua beleza. Steve Baker havia-a abandonado.

Julie, "estrêla" do espetáculo, foi chamada para o ensáio por Jake. Acompanhada ao piano, cantou "Meu Bill", uma canção singela e tocante. Emprestou à mesma tôda a tristeza que lhe ia nalma, seu desespêro por ver-se abandonada por Steve.

— Simplesmente formidável — comentou Jake, piscando o ôlho para seu assistente.

— Sim, mas você não pode mantê-la afastada da garrafa?

Jake balançou a cabeça filosoficamente.

— Ela é uma dessas meninas tôlas que se apegam a um homem. Os sujeitos lhes dão o fora e elas ficam se matando de amor.

— Ótimo, Julie — disse êle quando ela terminou o número. — Agora vamos experimentar o costume para o número final.

— Pois não, chefe — disse Julie displicentemente, ao se dirigir a seu camarim onde a aguardavam seus amigos.

— Vamos. Julie. — gritou um dêles — tome outro trago.

Entrementes Frank e Ellie Schultz haviam chegado. Com êles encontrava-se Magnolia, que haviam trazido consigo para uma experiência.

— Nós lhe arranjamos uns números novos — explicou Frank. — Miss Magnolia aqui é uma jóia de talento e vóz. Gostaríamos que você a ouvisse.

— Já tenho uma cantora — disse Jake. — Porém disponho ainda de alguns minutos. Que espécie de canções canta?

— Em geral canções de negros e espirituais.

— Bem, não custa nada escutar.

Magnolia entregou sua música ao pianista. Em seguida, com sua voz suave, entoou, "Não Posso Deixar De Amar Aquêle Homem", a mesma canção que lhe ensinara Julie Laverne no Cotton Blossom, no dia em que conhecera Gaylord.

Sua voz chegou ao camarim de Julie, onde aquela moça infeliz achava-se em companhia de sua costureira.

Julie reconheceu a canção.

— Quem está cantando? — perguntou.

— Oh, uma pequena que aquêles dansarinos trouxeram. Ela é bonitinha, mas precisa muito do emprêgo, creio.

— Precisa do emprêgo? Porque?

— Os dansarinos disseram que ela se casou com um jogador cretino que a abondonou, deixando-a sem vintém.

Julie caminhou até à porta de seu camarim, olhou em direção de onde vinha a voz e reconheceu Magnolia.

— Vamos, Julie, tome outro trago — disse um de seus amigos.

— Cale a bôca, você — foi sua resposta.

Quando Magnolia terminou de cantar, a apreciação de Jake foi:

— Nada mau. Deixe seu endereço. Algo pode surgir depois.

— Sr. Green — interrompeu uma voz. Era a costureira.

— Que há?

— Julie foi embora. Corri atrás dela pela rua. Ficou rindo para mim, com uma garrafa na mão.

— E' minha estréia?

— Disse que se o senhor não contratar a mocinha que acaba de cantar, é maluco, pois que a moça canta muito bem.

Diante da estréia a verificar-se dentro de poucos dias, e da deserção de Julie, Jake não via outra alternativa.

— Então, que se vá, a vagabunda. Hei, você que acaba de cantar. Volte aqui. Vamos ouvir aquêle número outra vez.

Magnolia foi contratada para preencher a vaga de Julie Laverne.

Na vespera de Ano Novo, Magnolia fêz sua estréia. O Trocadero estava esfuziante de alegria. A champanha corria pròdigamente. Confetti atirado por todos os cantos. A gente ria e dansava e todos estavam alegres. Todo mundo sentia-se feliz, esquecendo os cuidados e preocupações do ano que findava e dando as boas-vindas ao que ia entrar.

Um retardatário ao Trocadero foi o Capitão Andy Hawks. Acompanhado de um grupo de lindas garôtas, deu entrada ao clube. Já havia experimentado vinho àquela noite, e gritou "Feliz Ano Novo", ordenando champagne em segui-





da. O Capitão viéra a Chicago enquanto o Cotton Blossom estava encostado para o inverno, a fim de ver sua querida Magnolia. Não a havia encontrado na Casa Sherman, onde julgava que ela se achasse. As cartas de Magnolia nunca deixaram (transparecer a mudança das circunstâncias em que ela se encontrava. E, naturalmente, seu orgulho não permitiria que ela comunicasse aos pais a deserção de Gaylord.

— Aliás — disse êle a uma das pequenas que o acompanhavam, — minha filha comprou uma casa recentemente. Não me escreveu a respeito. Imagino que quisesse me surpreender.

Mas quem vai surpreendê-la sou eu, porque Frank e Ellie, são os maiores aqui, e êles sabem onde ela mora. Feliz Ano Novo!

No palco, como mestre de cerimônias, Jake começou por apresentar o próximo artista.

— E agora, senhoras e senhores, como brinde especial esta noite, tenho a satisfação de apresentar-vos uma cantora de velhas canções favoritas que vos deleitará com uma nova balada popular — esta namorada do Mississippi, Miss Magnolia Ravenal.

— Nolie! — gritou o Capitão Andy.

Timidamente, Magnolia deu entrada no palco. Embora acostumada a representar no Cotton Blossom, esta era sua primeira aparição diante de uma platéia de Chicago. Cumprimentou a audiência, e, com voz incerta, começou a cantar "Depois do Baile". A platéia reagiu desfavoràvelmente diante de sua incerteza. Ela não conseguiu impressioná-la.

Grupos esparsos começaram a conversar, perdendo completamente o interêsse pela cantora. Outras pessoas pediam silêncio. Um indivíduo gritou "Joguem-na fora".

— Nolie... — murmurou o Capitão Andy. Deixou sua mesa e avançou para perto do palco.

— Aqui, Nolie, aqui — gritou êle. — Cante para mim.

Sua voz chegou até aos ouvidos da filha, apesar do zumzum reinante. Ela olhou para êle, que acenou com a mão, encorajando-a. Ela sorriu-lhe, e então, crescendo a confiança dentro de si, continuou a cantar. Sua voz ganhou firmeza. O mêdo e a incerteza, gerados pela platéia estranha e pelos acontecimentos dos últimos dias, abandonaram-na. O Capitão Andy encontrava-se aqui, e isso era o bastante.

Sua nova disposição de espírito logo se comunicou à platéia. A conversa parou, e as atenções foram pouco a pouco voltando-se para a linda jovem. Triunfante, concluiu sua canção, recebendo calorosa ovação.

— Nolie, minha Nolie — gritou o Capitão Andy, e ela veio correndo para seus braços.

— Esta é a verdade, papai — disse-lhe Magnolia, quando terminou de contar ao pai sua história.

— Bem, o que você tem a fazer é esquecê-lo. Aquêle rato cretino. Patife!

— Não, papai, êle não é isso. Nem me esquecerei dêle tampouco. Êle estava sòmente tentando pensar em mim.

— Doravante, você só poderá pensar em si própria. Ora, filha, depois desta noite, você será uma "estrêla" de primeira grandeza. Poderá ir para Nova York.

— Não, não posso. Vou ter criança.

— Gaylord sabia disso quando a abandonou, e você ainda diz que êle estava pensando em você?

— Não, papai — respondeu Magnolia. — Êle não sabia. Eu não lhe havia dito antes. Papai, quero voltar para casa — isto é, se o senhor quiser receber-me de volta.

— Se nós a quisermos de volta? — exclamou o Capitão Andy, fitando-a surprêso. — Filhinha, você vem para casa agora mesmo.

Capítulo V

Kim Ravenal, filha de Magnolia e Gaylord Ravenal, nasceu a bordo do Cottom Blossom numa noite tormentosa. Já novinha, possuia o cabelo escuro do pai, e a pureza do rosto da mãe. E, ao crescer ficaram-lhe estas qualidades.

Ao completar uma ano de idade, cercada de sua mãe, do Capitão Andy de Parthenia e da equipagem e membros da companhia, que a adoravam, seu pai encontrava-se numa cidadezinha do oéste, às mesas de jôgo. E quando tinha dois anos, seu pai estava em San Francisco, à frente de uma roleta. Nunca a tinha visto, e, aliás, nem sabia mesmo que ela existia.

Contudo, através dos anos, Magnolia nunca o esquecera. Embora não o houvesse assim planejado, ela seguia as instruções deixadas por Gaylord em sua carta, na qual escrevera que ela deveria pensar nos bons tempos que tinham passado juntos, e esquecer os dias negros.

Destarde, a lembrança de Gaylord permanecia viva em sua memória, embora o que dêle ainda só possuisse fôsse a reluzente bengala de ébano, que sempre fôra o símbolo de sua sorte.

Gaylord, igualmente, nunca se esquecera de sua adorável Magnolia, embora nenhuma tentativa fizesse no sentido de encontrá-la. Magnolia fôra correta. No pensamento de Gay, quando êle a abandonou, estava a idéia de que ela seria mais feliz sem a companhia

dêle e que a vida com um jogador não era vida para nenhuma mulher.

Contudo, finalmente, após decorridos anos, sentiu-se irresistìvelmente atraído para o Mississippi novamente. Dizia consigo mesmo que o jôgo era melhor no Mississippi, que o povo aí era mais civilizado do que o do oéste bravio.

De modo que encontrou-se, certa vez, viajando num paquete, rumo a Nova Orleans. O rio não havia mudado muito durante todo êste tempo. O paquete possuia uma mesa de jôgo e um bar. A bordo encontravam-se fazendeiros, plantadores, e os boa-vidas. Gay observa-os curiosamente.

Era bem tarde, aquela noite. A maior parte dos passageiros já se havia retirado. Porém ao piano estavam um homem e uma mulher. A mulher era Julie Laverne. Estava mais velha e os anos se espelhavam em seu rosto abatido. Alguns traços de beleza perduravam ainda, não completamente destruidos pela degradação da vida que levava agora e pela bebida.

Gaylord nunca a conhecera. Estava sentado à sua mesa e observava.

— Creio que vou cantar — disse Julie a seu companheiro, um sujeito corpulento, que, pela aparência já devia ter bebido bastante.

— Ah, sente-se, sente-se — respondeu êle.

— Larga-me — rosnou Julie. Levantou-se e dirigiu-se para o piano.

— Olhe aqui — disse ela ao pianista — você conhece esta? — Solfejou algumas notas de "Não Posso Deixar de Amar Aquêle Homem" e em seguida, quando o pianista apanhou o tom e continuou a tocar, ela entoou a canção.

Era a canção que Gaylord ouvira Magnolia cantar tantas vêzes.

Porém o companheiro de Julie estava de mau gênio. Levantou-se, avançou para ela.

— Vamos, Julie — disse êle, agarrando-lhe o braço. — Vamos embora daqui.

— Oh, deixe-me em paz, Dan.

Dan não estava com vontade de deixar nada em paz naquele momento. Puxou Julie pelo ombro e aplicou-lhe uma bofetada.



— Um momento — insistiu êle. — Afinal, quem foi que lhe comprou a entrada?

Esta sua conduta é um tanto indecente, meu amigo — gritou Ravenal de sua mesa.

Dan deu alguns passos em direção da mesa de Ravenal. Pegou numa garrafa e começou a balançá-la. Gaylord levantou-se e foi mais rápido que o outro. Seu punho foi atingir Dan bem no queixo. Dan cambaleou para trás e foi-se esbordoar no chão. O "barman" correu para êle, arrastando-o para fora da casa.

— Obrigado, míster — disse Julie a Gaylord.

— Não foi nada.

— Não compreendo porque o senhor se importou tanto com isso. Quero dizer, porque se intrometeu — continuou ela.

— Alguém costumava cantar essa canção. Alguém que valia muito para mim — respondeu Gay, levantando-se e afastando-se em seguida.

— Quem é êsse camarada? — perguntou Julie ao barman.

— Um jogador. Chama-se Ravenal — foi a resposta do homem.

— Então êsse é o malandro, hein? Bem, dê-me um drinque. — Colocou uma moeda no balcão e entornou a bebida.

— Isto é para me dar coragem — comentou, saindo em seguida para alcançar Gaylord.

— Bonito lugar, a cidade Natchez — disse ela quando o alcançou. — Vai para lá?

— Não. Seguirei até Nova Orleans.

— O teatro flutuante está atracado em Natchez.

— Continuo inda para Nova Orleans, sinto muito.

— Só por isso que você sente? Talvez você também sinta por causa de uma moça. Era bonita e meiga, quando um jogador vistoso e falante arrancou-a do Cotton Blossom — a que pertencia. E depois abandonou-a sòzinha e sem dinheiro em Chicago, quando a menina estava em véspera de ter criança.

— De que é que você está falando? Quem é você? — perguntou Gaylord.

Ela não respondeu, porém ao invés, mostrou-lhe um recorte de jornal. Êle olhou-o.

— Sim, sou Julie, e leia aí o que você deixou. Você quer vê-los em Natchez. Ora, deixe-os em paz. Já fêz todo o mal que lhes poderia ter feito.

Gaylord fitava o recorte. "Três gerações de "estrêlas" teatrais em Natchez esta semana", dizia a legenda abaixo da fotografia do Capitão Andy, Magnolia e Kim.

— Tenho estado a acompanhar seus passos desde que nasceu — explicou Julie.

— Kim. Kim Ravenal — suspirou Gay. — Oh, Nolie.

Voltou-se para Julie.

— Por favor, Julie — disse com veemência — nunca soube. Juro que nunca soube.

— Preciso ir agora — disse Julie. — Mas se algum dia vocês dois se reunirem novamente, nunca diga a ela que me viu. Não assim, a mim deste jeito.

Voltou-se, afastando-se.

(Continua na pág. 24)

PROBLEMAS HUMANOS

Dr. LUÍS FRAGA

À LUZ DA PSICANÁLISE

O INSTINTO

MARIA LÚCIA (no consultório do psicanalista) — Doutor, que é instinto?

MÉDICO — O instinto, Maria Lúcia, é o impulso, sem raciocínio, que determina dum modo invariável, o caráter, os costumes e os hábitos animais.

MARIA LÚCIA — O meu instinto é igual ao da minha gatinha...

MÉDICO — Cada espécie tem um instinto, que a distingue.

MARIA LÚCIA — Não compreendo...

MÉDICO — O instinto puro, ou quase sem mistura, de inteligência dotada de reflexão, aparece principalmente nos insetos: a sua existência é tão curta, Maria Lúcia, que Deus não podia confiar ao tempo o cuidado de os instruir; nascem, pois, instruídos, sabendo o que lhes cumpre, se assim o podemos dizer, e sem precisarem de lições, nem de exemplos para levarem ao cabo o seu destino.

MARIA LÚCIA — O doutor acredita em destino?

MÉDICO — E' o curso da vida com os seus acidentes. Os homens poderão melhorar o seu destino. Os insetos, não.

MARIA LÚCIA — E o instinto puro?

MÉDICO — E' uma lei da matéria, como o é a germinação.

MARIA LÚCIA — Quer dizer que o instinto tem uma fôrça inexcedível?

MÉDICO — E' uma fôrça, mas não inexcedível. A educação o modifica para melhor. O que você sabe sem haver aprendido ou que seja fruto de sua experiência, é uma faculdade celeste, que lhe descobre o invisível, e a leva à eternidade.

MARIA LÚCIA — O doutor também acredita na eternidade?

MÉDICO — Todos acreditamos, desta ou daquela forma. O instinto é uma revelação que há entre Deus e o sentimento de nossa imortalidade.

MARIA LÚCIA — Pensei que psicanalistas não acreditavam em Deus!

MÉDICO — Todo êsse complexo glandular com as suas funções delicadas e harmônicas; a engrenagem anátomo-fisiológica, o sistema nervoso, com os seus reflexos, ação e reação, tudo provém do escultor divino.

MARIA LÚCIA — Alguém disse que a mulher só possui instinto...

MÉDICO — Se a mulher só tivesse instinto, o perigo seria menor para a sociedade. Isto pode parecer absurdo à primeira vista, mas, se o instinto insatisfeito é dirigido, as ações cessam de ser impostas: modificam-se e se multiplicam segundo as circunstâncias e as necessidades.

MARIA LÚCIA — E as percepções, a memória e quanta coisa há?...

MÉDICO — Percepções, lembranças, idéias e vontades, não constituem a geometria transcendente da aranha e da abelha; é a inteligência livre que reflete e age.

MARIA LÚCIA — E a mulher?

MÉDICO — Há, na mulher, dois sêres bem distintos: o inteligente e o espiritual; a **um** pertencem as idéias que nascem dos sentidos; ao **outro,** os sentimentos que nascem da alma. O ser que tem sentimentos e o ser que tem idéias, constituem, cada qual, o "eu", e a sua eterna luta forma o drama da vida.

MARIA LÚCIA — Francamente, não percebi a diferença entre a mulher e o animal do sexo feminino, que raciocine menos...

MÉDICO — Enquanto no animal os pensamentos agitam-se no seio da matéria e ficam materiais, na mulher, os pensamentos desenvolvem-se através dos sentimentos da alma e tornam-se alguma coisa dela. Os mais grosseiros chegam-lhe com um cunho mais ou menos pronunciado da essência celeste. Eis o que torna o amor tão sublime, tôdas as vêzes em que a alma abalada lhe reprime o sentimento do belo.

MARIA LÚCIA — Poeta? Quer falar do amor?

MÉDICO — Na próxima consulta, Maria Lúcia. Há outros clientes à espera.

CARTAS PARA ESTA SEÇÃO

Todos os relatórios destinados à esta seção, deverão ser endereçados para:

Dr. LUÍS FRAGA

Redação de A CENA

Rua Visconde Maranguape, 15

Seção "Problemas Humanos"

Rio de Janeiro

COUPON

Nome: ....

Pseudônimo: ....

Data do nascimento ....

Estado civil: ....

Profissão: ....

Residência ....

O BARCO (Cont. na pág. 28)

Incontinenti, Gaylord alterou seus planos. Ao invés de seguir para Nova Orleans, deixou o paquete imediatamente, determinado a ir de encontro o Cotton Blossom.

No dia seguinte êle viu o barco-teatro amarrado a um armazem. Pela prancha descia uma garotinha. Trazia duas bonecas debaixo do braço, envoltas num cobertozinho. Era Kim. Gaylord reconheceu-a imediatamente. A garotinha colocou as bonecas sôbre um fardo de algodão e cobriu-as com o cobertor.

— Nós vamos deixar essa gente barulhenta. Vamos dormir no bosque — Ravenal ouviu-a dizer.

Caminhou em sua direção.

— Alô — disse êle.

— Psiu! — gesticulou a menina. — Vão dormir agora.

— Você se chama Kim? — perguntou-lhe.

— Hum-hum — respondeu ela.

— Nome bonito. Por que lhe deram o nome de Kim?

— A cegonha deixou-me bem no meio do rio.

— Bem no meio do rio?

— Hum-hum. Entre Kentucky, Ilinois e Missouri.

— Ah, compreendo — disse Gaylord. — K-I-M. — Muito bonito. E então seu pai pescou você das águas?

— Foi vovô. Papai está muito longe em algum lugar. As vêzes faço de conta que êste é papai — disse ela apontando para uma das bonecas.

— Fazer de conta. Você poderia fazer de conta que sou seu papai?

A criança fitou-o por um momento, e depois, aceitando-o, assentiu com a cabeça.

— Está bem — disse ela. — Pode começar.

— Bem, vejamos — começou Gaylord. — Primeiro que tudo eu poria você nos meus joelhos, assim. Depois poria meus braços em volta de você e apertaria você contra mim.

Os gestos acompanhavam as palavras de Ravenal.

— Escute, querida — continuou êle. — Se seu papai realmente voltasse para casa, você poderia fazer de conta que êle nunca tivesse se afastado? Poderia?

— Claro — respondeu Kim. Levantou o rostinho para êle esperando o beijo.

— Kim — gritou Magnolia, que surgia no local.

— Estavamos brincando de "faz-de-conta" — anunciou Kim, afastando-se do colo de Gaylord. — Esta é mamãe — explicou-lhe.

— Kim querida, será melhor você ir para dentro. Vovó está preparando-se para largar.

— Êle representa muito bem

(Cont. na pág. 28)



LUA DE MEL PARA DOIS

ENTRE os últimos acontecimentos cinematográficos que tiveram lugar em fins de 1951, o romance Ava Gardner-Frank Sinatra, foi sem dúvida, dos que mais destaque mereceu em tôda a imprensa.

Frank após um rumoroso processo, conseguiu o divórcio de sua espôsa, Nancy, casando-se então com Ava Gardner. Após as núpcias, o feliz casal passou a percorrer mundo, em lua-de-mel. Após visitar várias capitais européias, o jovem e famoso par dirigiu-se para Londres onde foi entusiàsticamente recebido. Naquela capital, deram ambos um espetáculo para fins de beneficência, o que muito cativou os inglêses, e, numa grande recepção em homenagem a ambos, Ava dançou um samba, com o príncipe Felype E'Edimburgo, fazendo sucesso.

Ava e Frank souberam unir o útil ao agradável, pois a par da grande paixão que os une, há ainda o gôsto pela música moderna, de que ambos são grandes admiradores. (principalmente Frank) e Ava pretende mesmo recomeçar a sua carreira de cantora. Frank, agora com 33 anos, ex-cronista esportivo, é atualmente um dos maiores cartazes do rádio americano e internacionai, e divorciou-se apenas uma vez; Ava, filha de um modesto contador, está presentemente com 29 anos, e já foi casada duas vezes, com o «band-leader» Artie Shaw e com MickeyRooney. Ava é considerada uma das mais belas mulheres do mundo, embora alguns «experts» de Hollywood não a considere uma beleza perfeita, apontando como defeito, por exemplo, a bôca um pouco grande. Vocês concordam? O flagrante acima é uma das mais recentes e felizes expressões do jovem casal, quando ainda em Londres, em lua-de-mel.



O FILHO DE D'ARTAGNAN

ESTAMOS em 1636, época heróica da Grande Guerra entre a França e outras potências européias. O estranho e poderoso Cardeal Richelieu está aperfeiçoando a sua política que tende a fazer do seu país o leader dominador da Europa, mas encontra na estrada dos seus planos disseminados, mil obstáculos, pelos seus potentes inimigos políticos que se servem principalmente, da arma tremenda da traição, da espionagem e da sabotagem.

Richelieu espera ajuda e socôrro da Inglaterra para vibrar um golpe decisivo à poderosa Flandres. Todos os seus correios portadores de documentos secretos, não logram aportar na ilha amiga. Êle está quase isolado da Inglaterra, embora esteja tão perto. Até o último — cuja odisséia dá início ao filme — vem sendo perseguido ferozmente pelo inimigo interno. Ferido, êle encontra asilo n'um convento de Dominicanos. Entre êstes há um converso, Raul, que é filho do Marechal D'Artagnan. Êste jovem sempre sentiu em si, não a vocação para as armas ou para a política, mas sim, pela vida monástica. A brutal captura do enviado de Richelieu e o assassínio frio e covarde do prior ante o altar pela espada dos traidores, fêz nascer no jovem o sangue e o espírito de seus antepassados e a sêde de vingança. O jovem D'Artagnan jura que não terá paz até que possa vingar a morte do seu amado prior. Para isso aprende com os próprios frades tôdas as artes da guerra, inclusive a esgrima, o jôgo de cartas, química e tudo que lhe possa ser útil na luta árdua que travará. Depois dessa aprendizagem, parte em busca da aventura e vai a Grecy, sede do comando francês que fronteia a fortaleza inespugnável dos flamengos. A sua estréia como guerreiro se dá imediatamente em uma taverna. O moço bate-se com velhos espadachins e vence o tremendo duelo. No dia seguinte, Raul procura falar ao seu pai. O velho General não se contém de alegria por ver que seu filho, considerado como um transviado, se apresenta agora como um homem. Raul é feito logo militar, conservando porém sempre o mesmo pensamento; de desmascarar os conspiradores e principalmente o assassino do Prior, um homem a quem falta um dedo n'uma das mãos. Os rostos nao puderam ser reconhecidos porque estavam todos mascarados.

Os inimigos estão porém, entre as próprias fileiras francesas. Êles redobram agora a sua vigilância e procuram por todos os meios eliminar o jovem Raul que se tornara um perigo, como possuidor de destreza, sagacidade e patriotismo. Mas êste, não desiste do seu intento de

---

(IL FIGLIO DI DARTAGNAN)

ELENCO:

GIANNA MARIA CANALE — FRANCA MARZI — PIERO PALERMINI — CARLO NINCHI — PAOLO STOPPA — PETER TRENT — NERIO BERNARDI.

Direção de: RICCARDO FREDA
Apresentação da: "ART-FILMS"

---

procurar o homem do dedo cortado. Raul está com o pensamento tão voltado para a vingança que nem percebe o amor que nasceu no coração da bela jovem proprietária da taverna onde êle teve a sua estréia, embora a jovem se mostre perdidamente enamorada do jovem espadachim.

A ação se precipita. Os conspiradores para livraremse de Raul, preparam-lhe um estratagema em que fatalmente será a sua desgraça. Diabòlicamente, fazem-no ausentar-se de uma sala em que montava guarda a caixa forte, onde estavam guardados os planos da próxima batalha contra os flamengos. Enquanto êle sái, são roubados os documentos, Raul é prêso, julgado pela Côrte Marcial presidida pelo seu próprio pai, que condena o jovem a morte pelo crime de traição. Nada tem o jovem que alegar em sua defesa, sua execução é marcada para vinte e quatro horas mais tarde. Nessas horas que lhe faltam para a morte, Raul pensa em prestar um serviço a um amigo da nobreza. E' que a jovem taverneira que o ama, é amada por um conde. Êste tudo faz para obter as graças da bela jovem, mas ela só deseja Raul. Raul, promete então casar-se. Depois da sua execução a jovem ficará viúva e assim será fácil para o amigo obter a mão da viúva em casamento. O casamento tem lugar com a licença do tribunal, mas Raul, vem a verificar que amava a jovem e agora não quer morrer.

Momentos antes da execução recebe a visita de seu pai. Obtém do velho militar a graça de ser enviado em missão de sabotagem à fortaleza inimiga. As condições de sua missão são em tal modo perigosas, que certamente êle não voltará. Êle deve fazer saltar o paiol de pólvora que era a chave da defesa. Conseguida essa vitória, o Marechal que de longe espreita com sua terrível cavalaria, dará o golpe final nos flamengos.

Raul parte com o coração cheio de amor. As únicas armas que leva são a coragem e a vontade de voltar para que a jovem não venha a cair nos braços do seu amigo.

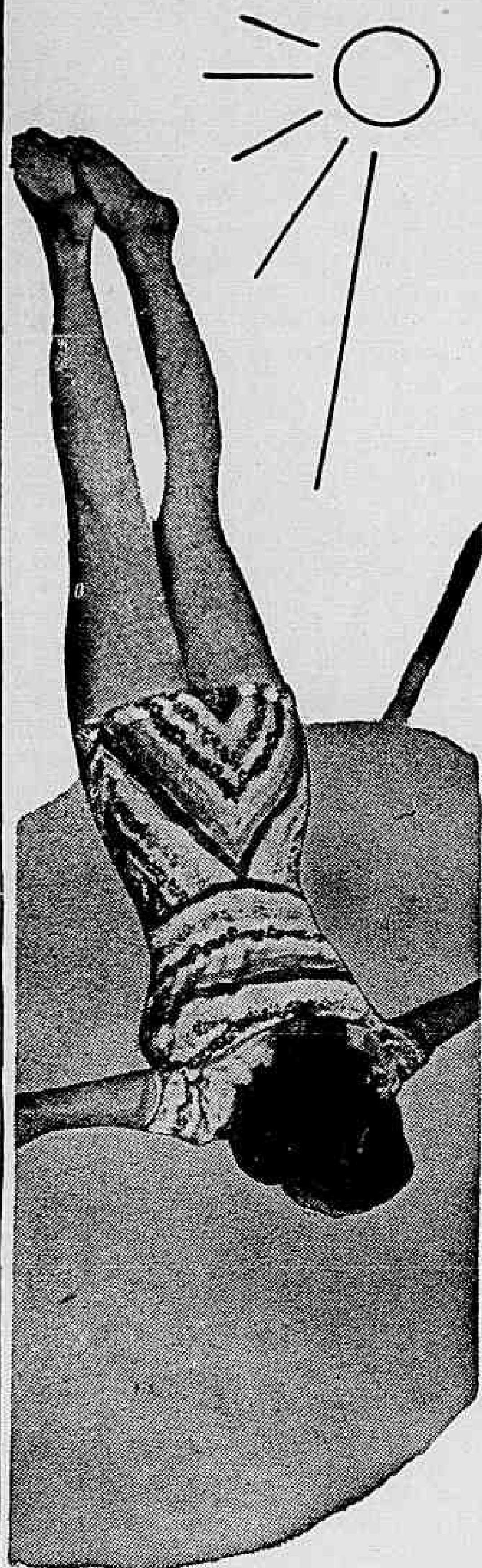
Mas vencerá?!

Depois de grandes peripécias e lutas êle encontra junto ao comandante o traidor que procurava. Era um dos Generais de D'Artagnan. Há uma luta tremenda e Raul consegue fazer explodir o paiol. D'Artagnan avança com suas tropas e vence a batalha. Raul após cumprir a missão bate-se em duelo com o assassino do Prior e sai vencedor, voltando aos braços de sua jovem espôsa. Dias depois é levado a presença de Richelieu, que lhe perdoa a condenação e o faz major!











Polvilho
Antisséptico
GRANADO



DESODORANTE
CICATRIZANTE

ANSELMO DUARTE...

(Cont. da pág. 19)

lado de Tônia Carrero e Marisa Prado, nos papéis principais. Celi é um grande diretor, fêz um filme realmente interessante. E', sem dúvida alguma, o meu melhor papel no cinema. Agora, acabo de receber instruções da Vera Cruz, sôbre o meu primeiro filme em 1952, para os estúdios de São Bernardo. Desta vez meu diretor será Fernando de Barros. Tônia Carrero será a "estrêla". Alberto Ruschel e Ziembinski também estão no filme. E sabe quem será o diretor de fotografia? Nada mais, nada menos que um inglês fabuloso: Ray Sturgess, o "cameraman" de "Hamlet". Só isso já é um atrativo fantástico para que eu aceite imediatamente o papel. "Appassionata" será o nome do filme".

AS 8 VÍTIMAS

(Cont. da pág. 9)

tima moda e a indicada sexta-feira para com um ar senhoril na porta do Cruiskshan de Maidenhead. E nessa mesma tarde vê Ayscone e sua dama sentados numa mesa do bem cuidado parque. Escolhe a sua bem perto da dêles, pede ao garçon que lhe traga um refresco e resolve segurar o touro pelos chifres. Levanta-se da cadeira, aproxima-se do par, sauda-o, e com perfeita cortezia se dirige a Ayscone:

— Poderia ceder-me um fósforo?

O aristocrata não o reconhece e responde:

— Com muito gôsto. Aqui está.

— Muito obrigado. Por acaso não nos vimos antes?

— Não creio.

— Curioso... Estou certo de que vosso rosto não me é estranho. Estivestes em Monte Carlo o ano passado?

— Não. No antepassado.

— Então é isso. Dar-me-eis, ambos, a honra de sentardes comigo?

— Muito obrigado. Não esta tarde — recusa Ayscone visìvelmente amolado.

E com grande desgôsto de Louis, levanta-se e oferece o braço à senhora e ambos se afastam em direção ao hotel.

Capítulo VII

No dia seguinte, a espera se prolonga até depois de uma hora da tarde. Por fim, aparecem os enamorados. Louis apalpa os bolsos, para certificar-se de que trouxe consigo o frasco de veneno e os segue. Mas êles não param em nenhuma parte. Descem até à margem do rio, entram numa canôa que Ayscone tira do meio da corrente para que deslize água abaixo, suavemente. Louis toma outra e faz o mesmo, conservando-se a distância. A uns dois quilômetros, mais ou menos Ayscone pára debaixo de uma frondosa árvore amarra sua embarcação num galho e cobre-se com uma barraca, perdendo-se de vista... Louis manobra até a margem oposta e atraca para refletir. Olha ao redor e vê uma grande taboleta — ao mesmo tempo que deixa escapar dos lábios um grande sorriso diabólico de satisfação ao ler esta advertência:

"Êste trêcho é PERIGOSO quando as vertentes dos rios se encontram as 2 P. M. Adverte-se aos canoeiros que devem amarrar suas embarcações sólidamente, logo que vejam uma bandeira roxa içada sôbre a ponte".

Sem perder um instante, Louis despe-se, entra nágua sem ruido e nadando como um peixe chega até à canôa de Ayscone e solta as amarras. Tão brando é o curso da frágil embarcação até o momento em que entra na correnteza, que seus ocupantes apenas têm tempo de ver a morte de cara... Louis espera que a borbulhante água os tragüe — para logo depois voltar as costas tranqüilamente.

(Cont. no próximo número)

O BARCO DAS . . .

(Cont. da pág. 24)

disse Kim, pegando as bonecas e afastando-se.

— E' linda — disse Gay a Magnolia.

— E', não é?

— Você também.

Ficaram imóveis, olhando um para o outro, e sùbitamente todo seu amor não pôde ser contido e instantes depois abraçados.

— Nolie, existe tanta coisa para lhe dizer — suspirou Gaylord. E doravante não me faltará tempo para dizê-lo.

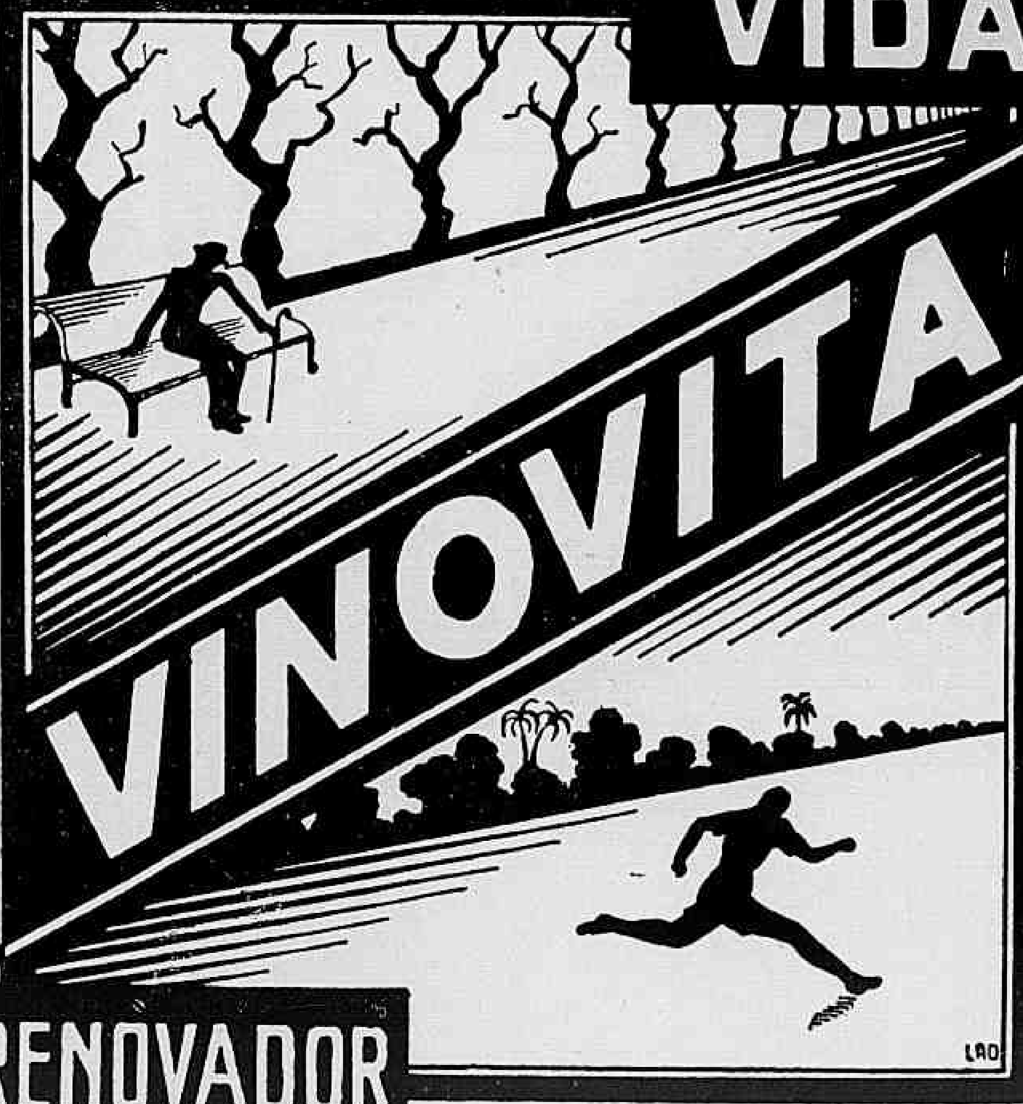
A bordo do Cotton Blossom o Capitão Andy e Parthenia Haws estavam preparando-se para zarpar quando viram Magnolia e Gaylord.

O Capitão deu umas palmadinhas no ombro da espôsa.

— Outra noite de sábado — disse êle cheio de contentamento. — Novamente juntos.

— Movimente a roda — ordenou. — Zarpemos. Magnolia e Gay estão juntos novamente e de volta ao teatro flutuante. **F I M** .

CALVÍCIE PRECOCE
Como evita-la!
JUVENTUDE ALEXANDRE
BELEZA E VIGOR DOS CABELOS
Super eficaz contra
QUÉDA DOS CABELOS



O QUE VIMOS *na Tela*

INTERINO

COTAÇÕES

1 - Fraco; 2 - Regular; 3 - Bom; 4 - Muito bom; 5 - Ótimo.

"ESTRADA 301"

AQUÊLE início moralizador do filme, com a aparição de três governadores dizendo que "o crime não compensa", é detestàvelmente convencional. Esta produção vem-se juntar a tantas outras pelo estilo, fórmula em que os americanos são mestres. As perseguições de automóvel, as cenas de brutalidade, as mortes a sangue-frio, são hàbilmente dirigidas por Douglas Sirk, que soube imprimir vivacidade à ação e tirar o máximo partido da esplêndida máscara de Steve Cochram, que cumpre neste filme uma interpretação acima de "Os condenados não choram". A fotografia é funcional e tem belos momentos, tanto nos interiores como nos exteriores. Entretanto, apesar destas qualidades, o filme peca pela falta de originalidade e situações amplamente exploradas no cinema ianque. Deve-se ressaltar o momento culminante da morte de Steve, apavorado com o trem que se aproxima para esmagá-lo. Suas feições desfiguradas estão impressionantes. Em resumo, é um filme para público amante das produções de "gangsters" e de "suspense".

Cotação artística: 3 ★ *Cotação comercial*: 4

★

É PROIBIDO AMAR

APROVEITANDO a corrente do tremendo êxito de Mario Lanza em "O Grande Caruso", os avestruzes da Metro-Goldwyn-Mayer encaixaram o cantor Ezio Pinza neste technicolor, fazendo-o amar a Lana Turner, que cada vez representa menos. Se em "O Grande Caruso", a despeito de um tratamento cinematográfico errôneo e uma fidelidade nula à vida do grande tenor italiano, ouvia-se uma série de excelentes árias de óperas, nesta produção do sr. Pinza nem sequer escuta-se boa música, o que seria o melhor estímulo para o filme. E é uma pena, pois Ezio Pinza é, sem dúvida, mais cantor do que Mario Lanza, embora seja menos ator. O filme tem uma história medíocre e uma direção similar e nem merece citarmos o diretor.

Cotação artística: 2 ★ *Cotação comercial*: 2½

★

"O PREÇO DE UM DESEJO"

AFIRMOU-NOS Anselmo Duarte que George Dusek não dirigiu êste filme. Mas a questão é que seu nome figura no pôsto de diretor e é o quanto basta para criticá-lo pela realização dêste celulóide. O tema bem tratado daria um filme razoável, embora não sejamos partidários de temas de caráter universal em nosso cinema, que deve traçar o caminho do autóctone, filmando temas nossos, de fácil identificação com nossas peculiaridades. "O preço de um desejo", que tem sido anunciado como o primeiro filme realista brasileiro, slogan francamente disparado, quando o cinema nacional não atingiu sequer a sinceridade é apenas um filme a mais, sem valor criativo ou intenção de superação. O som e a fotografia estiveram bastante razoáveis, embora um êrro lamentável de doublagem ocorresse quando, pela primeira vez Ângela Fernandes e Miro Cernigol dirigem-se para a praia e, estando os atores bastante longe da câmara, ouve-se o diálogo como se os mesmos estivessem bem perto da mesma. Bom escolhido foi o tipo de Ângela Fernandes para o papel da mocinha brutalmente violada e, que pelas circunstâncias, foi ganhar a vida num miserável cabaré. Porém, sua interpreteção é lastimável. Não sabe dizer, nem tirar partido das situações dramáticas, embora aí a culpa caiba quase que integralmente ao diretor. Carlos Cotrim continua prometendo, sem deixar de lado sua inflexão radiofônica, da qual é difícil se livrar quem, como êle, militou muito tempo nas novelas. Miro Cernigol, bom tipo de galã rústico, é um elemento que pode acertar. Gostamos de Elimio Castelar no segundo galã. Seja feita justiça à ponta bem sincera de Nélia Paula, bem ajustada ao tipo que encarnou e responsável pelo momento mais feliz do filme, aquêle em que olha pesarosa o cadáver de seu amante, assassinado à porta do cabaré. A parte musical também não foi feliz, pois marcou e sublinhou com fortes vibrações onde era mais aconselhável o silêncio.

Cotação artística: 1½ ★ *Cotação comercial*: 2

FUTURAS ESTRÉIAS: — "O CRISTO PROIBIDO"



COM O "CRISTO PROIBIDO", Curzio Malaparte abordou o problema crucial do sacrifício dos inocentes. O retôrno ao lar de um prisieneiro quem esperava o desejo de vingar-se de um irmão entregando-o a um inimigo por um camarada, quando tôda a aldeia já farta de tanto sangue e de tanta miséria, nega-se a denunciá-lo, será o trama de um debate sôbre a sêde de justiça e do absurdo do destino humano. A inteligência e a habilidade de Malaparte cobre êste filme de imagens e de cenas inesquecíveis, paisagens de Siena e suas redondezas, procissões populares, diálogos e colóquios apaixonados. O filme acaba com uma série de "Por que?", um mais retumbante do que o outro.

Ida Lupino
Howard Duff
U-Inter.)

MELODIAS PARA VOCÊ

PARA O CARNAVAL DE 1952

ESTOU COM DEUS

Samba de PAQUITO E ROMEU GENTIL
Gravação de DIRCINHA BATISTA

Estou com Deus
Na terra ninguém vale nada
Muita gente tem vontade
De me ver
De tamanco
E de camisa rasgada.

Rezo todo dia peço a Deus
P'ra me livrar dos inimigos meus
Peço sempre fôrças pr'a lutar
Pr'a êsse ponto não chegar.

ESTAMOS SEPARADOS

Samba de ANIBAL DA SILVA, EDEN SILVA e O. MAGALHÃES
Gravação de FRANCISCO CARLOS

Estamos separados
Há mais de um mês
Porque não voltas
Outra vez
Pr'a êste lar que ainda é teu
A nossa amizade não morreu
Volta meu amor
Quem te chama sou eu
Quem te chama sou eu

Volta para minha companhia
Eu te espero noite e dia
O nosso amor não morreu
Quem te chama sou eu.

E, sempre, você junto de mim...

ESPANHA

Marcha de ROBERTO ROBERTI e ARLINDO MARQUES Jr.
Gravação dos ANJOS DO INFERNO

Espanha, Espanha,
São tuas mulheres
O teu sol
Causa das paixões
E das façanhas
Que vivem no sangue
Do espanhol.

O amor das espanholas
Possui a vibração
Das castanholas
Mas o seu desprêzo
Fere mais
E' mais certeiro
Que as bandarilhas
De um toureiro.

O MAESTRO É O AMOR

Samba-Batucada de ERNANI CORRÊA e ANTENOR BORGES
Gravado por RUTH BARROS

Eu deixei de ser branco para ser franco
Não há quem me faça calar
O maior neste baile é o maestro
Que toca para gente dançar.

Aparecem tantos reis
E tantas rainhas também
Mas diz o velho ditado
"O valor dá-se a quem tem".

SAPECA O ESPORÃO

Batucada de LUÍS MERGULHÃO e HÉLIO SATYRO DE MELO
Gravação de YVETE GARCIA

É galo! É galo!
Sapeca o esporão!
É galo! É galo!
Sapeca o esporão!
É galo! É galo!
Sapeca o esporão!
No meu terreiro
Ninguém bota a mão! (Bis)

Eu tenho um galo de rinha
É um galo valentão
Em defesa da galinha
Briga mais do que um leão!

Quando o meu galo briga
Pula numa perna só
E as galinhas cacarejam
Có có có có có có ró!

ELA É DE MORTE

Marcha de ROMEU GENTIL e PAQUITO
Gravação de LINDA BATISTA

Ela é de morte
Ela quer transformar
A minha sorte

A minha vizinha
Quer se divertir
Quer me apanhar
Ou quer se destruir

Ela é de morte
Ela quer transformar
A minha sorte

Me manda bilhete
Diz que tem sofrido
E por minha causa
Deu uma surra
No marido.

PENTE DE CARECA

Marcha de HAROLDO LOBO e MILTON DE OLIVEIRA

Gravação de LINDA BATISTA

E' gozado, qua-qua-qua-qua
Ver um careça se pentear
Passa pente na cabeça, bota até [loção
Mas o pente do careca é a mão.

Se ainda existir, meia dúzia de [fiapos
Que trabalho p'ra conservação
Êle passa, muito mais
De uma hora no espelho
Ajeitando a meia dúzia
Com a mão

RECIFE

Frevo-canção de ANTÔNIO MARIA
Gravação do TRIO DE OURO

Ô, ô saudade
Saudade tão grande
Saudade que sinto
Do Clue das "Pás"
Dos "Vassouras"
Passistas traçando tesouras
Das ruas repletas de lá
Batidas de bomba
São maracatus retardados
Chegando à cidade cansados
Com seus estandartes no ar.

Não adianta
Se o Recife está longe
Se a saudade é tão grande
Que eu até me embaraço,
Parece que vejo
Walfrido Cebola no passo
Haroldo, Fatia, Colaço
Recife está perto de mim.


CARLOS GALHARDO


OLIVINHA CARVALHO


FRANCISCO CARLOS


LINDA BATISTA

CS CINCO SEGREDOS DA. . .

(Cont. da pág. 33)

tôdas as idades aprenderam a ser soldados valentes e inúmeras delas foram verdadeiras heroinas. Porém o homem amado preferirá, procurará e dedicará o seu amor àquela que, sôbre tôdas as coisas seja simplesmente mulher. Nada mais e nada menos do que mulher. Talvez, por um mal compreendido sentido de emulação, existam mulheres que caem no êrro de imitar os homens. Seja sempre bem feminina e lembre-se que, sem perder a sua cativante personalidade, deverá sempre ser inteiramente mulher.

E assim terminou a graciosa estrêla que, a nosso ver, tem bastante autoridade para falar do assunto. O que não sabemos é se ela segue à risca os conselhos que dá.

AREIAS ARDENTES

(Cont. da pág. 13)

sente-se reconfortado. Volta para a fazenda. Alberto comunica-lhe então que ia aproveitar a noite de São João para dar uma festa. Por que não convidava, Antônio Carlos, sua noiva? Antônio Carlos acha a idéia ótima e manda um telegrama à noiva.



Noite de São João. Festa no terreiro da fazenda. Música e danças quebram a calma habitual do lugar. Sílvia é agora hóspede da fazenda, mas logo percebe, com êsse instinto bem feminino, algo entre Gisela e o noivo. Gisela procura então mostrar a Sílvia o domínio que exerce sôbre o médico. E de tal maneira se porta que Sílvia resolve abandonar bruscamente a fazendo, depois de desmanchar seu compromisso com Antônio Carlos.

Os acontecimentos se precipitam. Gisela quer fugir com Antônio mas, percebendo que êste jamais trairia o tio, vale-se de Ambrósio para executar um plano diabólico. Combina com o capataz um meio de eliminar o marido. Ambrósio lhe diria que ela ia encontrar-se com o médico no porão da casa velha e quando Alberto chegasse Ambrósio o mataria.

O plano é pôsto em execução. Ambrósio oculta-se no porão. Pouco depois chega Alberto que, desconfiando de qualquer coisa, toma cuidado e não tarda a descobrir o capataz oculto num canto. Surpreendido, Ambrósio saca de um punhal e golpeia de morte o patrão. Êste ainda tem tempo de atirar em Ambrósio.

Pouco depois chegam ao porão Gisela e o médico. Ao ver aquêle quadro trágico, Antônio fica sem saber o que fazer no primeiro momento. Mas logo reage e procura salvar Alberto, porque Ambrósio já não precisava mais dos seus cuidados. A bala lhe atravessara o coração. Pagara com a vida sua infame traição.

Antônio Carlos procura salvar o tio, mas em vão... Êste, antes de morrer, confessa que fôra êle o assassino de Leonor. Sim... para casar com Gisela, aumentara a dose do sedativo que ela tomava. Só Ambrósio sabia disso porque o surpreendera no ato...



Gisela agora está livre do marido. À janela do casarão, espera que Antônio Carlos volte para levá-la para bem longe dali, como prometera. Mas o médico conversa com seu colega, o velho dr. Menezes, a quem se habituara a contar seus conflitos íntimos. Gisela está louca... Essa é a dolorosa verdade. Êle percebera isso na noite da morte do tio. Mas era melhor assim porque senão teria que entregá-la à polícia como cúmplice da morte do marido...

Gisela vê Antônio Carlos voltar. Corre feliz ao seu encontro. O médico a trata carinhosamente e a conduz para o carro que a deve levar dali... não para a felicidade com que ela sonha ao lado do homem que realmente ama, mas para a enfermaria de um sanatório... porque aquela jovem ambiciosa, que tantas tragédias espalhara à sua volta encontrara afinal um pouco de paz na loucura em que mergulhara para sempre...

QUER SER ESCRITOR?

Inscreva-se no CURSO DE LITERATURA, ESTILÍSTICA E PORTUGUÊS por correspondência, sob a direção de RENATO DE ALENCAR. — Cartas: Avenida Rio Branco, 117 — Sala 305, para remessa do programa.

A BELEZA DOS SEIOS **BÉL-HORMON**

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1: e quando fôr ao contrário demasiadamente volu-volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado modernissimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Aquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



BÉL-HORMON

Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. - Rua da Carioca, 33 - Rio de Janeiro.

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» nº ....

NOME ....

RUA .... Nº ......

CIDADE .... ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00

CINEMA A PRESTAÇÃO

(Cont. da pág. 7)

foi tema de conversação durante largo tempo. "A máscara dos dentes brancos", de Gasnier, também com Pearl White, seguiu, pois, a boa trajetória.

Mais tarde surgiu um novo diretor que ainda continua no cinema, George B. Seitz — animador dos filmes em série da família Harvey — quem dirigiu a Pearl White em "Por amor". Na Europa também explorou-se o gênero. "Fantomas", de Louis Fouillade, representa a iniciação mundial de filme em episódios. Implautou-se nela o caminho de crimes sem conta, de intrigas incríveis, de lutas entre bons e maus até o triunfo definitivo do bem. O êxito explica-se se levarmos em conta que, sem pretensões, a linguagem cinematográfica dêste gênero anda mais sôlta, menos atada a outros convencionalismos que não sejam os particulares da narração cinematográfica, se é que se pode falar nela. Em "Fantomas", que interpreta André Navarro, explorava-se pela primeira vez o truque de terminar cada episódio num momento culminante da ação, norma que seguiria todo o gênero. Insinuamos antes o caráter folhetinesco que possuem tôdas as aventuras. Algumas delas têm pretensões de reconstituição histórica. Nesta competência inaudita, pois não existirá país que não intente fortuna no gênero, assistiremos a uma carreira vertiginosa de crimes, de acidentes, de aventuras malucas, de intrigas, de roubos e raptos que farão levantar também uma série de protestos contra o cinema, tachando-o de imoral e de corruptor da juventude.

França lança "Os vampiros", do próprio Louis Fouillade, "Judex" e "A nova missão de Judex", também de Fouillade, com René Cresté, Musidora e Marcel Levesque. Espanha nos oferece "Barcelona e seus mistérios", dirigido por Alberto Marro, e Itália lançará o "Carro número 13' com Elena Makoswska e Alberto Capozzi e a série de filmes com Bartolomeu Pagano (Maciste). E, sobretudo, os "Ratos cinzentos", de Emilio Ghiene. A Alemanha também intentou a sorte. Porém aqui se prescindimos da "Dona do Mundo", de Joe May, interpretada por Mia May; da "Cova da Índia", guião de Thea Von Harbou, com Erna Morena, Conrad Veidt e Lia de Putti, e de "O homem sem nome", com Harry Lietdke e Mady Christians, os restantes filmes pertencem a uma fase muito diferente a do filme em série. Por isso não vale considerar essas amostras neste capítulo; umas vêzes pela intenção psicológica de realização, como em "Tragédia de amor", de Joe May, com Emil Jannings, Mia May, Warner Krauss (guião de Adolf Lanz e Leo Birinsky, cenários de Paul Leni); outras pela significação do realizador, como em "O novo Fantomas", de Murnau, com Alfred Abel, Lil Dagover; algumas pela audácia das novas teorias como "O doutor Mabuse", de Fritz Lang. Enquanto o cinema americano manipula com os inventos modernos levados ao absurdo, no filme alemão se preocupam já com o ocultismo e as novas doutrinas psicanalíticas. Dessa forma vemos o primeiro em "A Cova da Índia"; o segundo em "O doutor Mabuse". Daí que êste gênero na Alemanha teme maiores proporções criativas. Enfim, o filme em série que tem seu auge nos anos da primeira grande guerra mundial (1914) inicia logo sua decadência, até seu quase completo desaparecimento. As amostras que têm chegado recentemente provam que os gostos do público já não admitem êsse gênero ingênuo e repetidas vêzes torpe que teve sua razão de ser em determinada época, porém que aparece já completamente deslocado.

O preço desta revista é o que está marcado na capa. Os agentes recebem com desconto para que o preço seja respeitado.



OS CINCO SEGREDOS DA FELICIDADE FEMININA

Por MICHELINE PRELLE

MICHELINE Prelle é outra encantadora francesinha que Hollywood atraiu com seus faustos e suas promessas. Uma de suas primeiras atuações frente às câmaras de Tio Sam foi ao lado de Errol Flynn em "Aventuras do Capitão Fabian", que vimos recentemente, apresentado pela Republic. Na sua opinião, a conquista da felicidade feminina será fácil, se forem observados os cinco "itens" que ela considera indispensáveis para alcançar um resultado satisfatório. Vejamos o que diz, pois, Miss Prelle.

1º — Não sonhar demasiado.
2º — Saber que em qualquer idade se pode ser feliz.
3º — Crer no amor.
4º — Cultivar a vida interior.
5º — Não querer nunca ser igual aos homens.

Eis os cinco pontos que considero essenciais para a nossa felicidade. Analisemos, agora, cada um dêles separadamente:

NÃO SONHAR DEMASIADO

Quem vive olhando para o céu corre o risco de tropeçar na terra.

E' bom sonhar de vez em quando, pois, a realidade nem sempre é agradável. Porém, não ignoremos a realidade das coisas transcendentais ou pequenas, para dominá-las, vencê-las ou acostumarmo-nos a elas. Isso não quer dizer que não ponhamos um pouco de sonho em cada coisa, em cada abismo ou em cada problema. Não cerremos, porém, os olhos à vida...

NUNCA E' TARDE

"Saber que em qualquer idade se pode ser feliz..."

O êrro é negarmos a nós mesmas a capacidade de sermos felizes. Pelo menos não nos é negado fazer a felicidade das pessoas a quem amamos. Em qualquer idade é possivel a felicidade, sob a condição de que não queiramos o impossivel ou que sonhemos com coisas muito elevadas. Tenho visto infelizes deformados darem graças a Deus todos os dias porque ainda podem enxergar e cegos agradecerem porque ainda podem andar. Sim. Não há idade nem condição para a Felicidade, repito, contanto que saibamos encontrá-la nas coisas que nos rodeiam. Por que buscar a felicidade por caminhos tortuosos, que nos fatigam, que enchem e abalam o nosso coração? Aprendamos a encontrar a beleza nas coisas humildes e simples. Uma criança que ri... ou se a criança chora não esqueçamos que a todos nós está reservada a felicidade de transformar suas lágrimas num sorriso.

CRER NO AMOR

Não neguemos o amor. Não só os poetas dizem que o amor é a alavanca do mundo, mas também todos aquêles que enfrentaram momentos amargos na vida são capazes de pôr à prova êsse sentimento. Acreditemos nêle e enchamos de amor o nosso coração. O amor é a fôrça do mundo e se quisermos um mundo melhor, só o conseguiremos quando o amor, e não o orgulho e o ódio, estiver em cada coração. Em cada ser humano êste é o terceiro ponto; a terceira lei para realizar o supremo milagre da felicidade...



Micheline é também a estrêla de «Anjo Pecador» (Boule de Snif), baseado no famoso conto do mesmo nome, de Guy de Maupassant.

CULTIVAR A VIDA INTERIOR

E' como dirigir os olhos para a nossa alma, para o nosso "Eu". Nela temos um grande amigo, aprendamos pois a escutar as suas palavras, a escutar de seus lábios o nosso nome e êle será o nosso guia. Vejamos o exemplo da flor e dos pássaros; cultivemos nossa alma como se fôsse um jardim com sombras e trinados e abramos as nossas portas a quem julgarmos digno do nosso mundo interior.

NÃO QUERER NUNCA ASSEMELHAR-SE AOS HOMENS

Poucas coisas, como a sangrenta guerra que enlutou o mundo, deram oportunidade à mulher de mostrar do que é capaz em todos os terrenos e ante todos os perigos. Mulheres de

(Cont. na pág. 32)

A CENA MUDA

SEMANÁRIO DE ARTE

Nº 4 ★ 24-1-52

Sumário

Cinema a prestação (Alberto Conrado) 4/7
As oito vítimas (cine-capítulos) 8/9
O último filme de Jouvet (Alice La Maziere) 10/11
Areias ardentes (enrêdo) 12/13
Quais os melhores do cinema nacional de 51? 14
Flashes mundiais 15/17
Anselmo Duarte quer ser diretor (Paulo Kalamar) 18/19
O barco das ilusões (cine-romance) 20/23
Problemas humanos à luz da psicanálise (Dr. Luís Fraga) 24
Ruth Roman (close-up) 25
O Filho de D'Artagnan (enrêdo) 26/27
O que vai pela Broadway (Jackson Flores) 28
O que vimos na tela (Interino) 29
Ida Lupino-Howard Duff (close-up) 30
Melodias para você 31
Os cinco segredos da felicidade feminina (Micheline Prelle) 33
O cinema em Portugal 34

★

CAPA:
ANSELMO DUARTE
(Foto ÁVILA)

EXPEDIENTE

Fundada em 1921 — Propriedade da COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA. — Diretor-presidente: Gratuliano Brito
Diretor-secretário: R. Peixoto de Alencar.
Endereço: Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio de Janeiro — Brasil. Telefones: — Secretaria 22-4447; Administração e Publicidade, 22-2550. Portaria, 22-5602. Endereço telegráfico: «Revista». Número avulso para todo o território brasileiro, Cr$ 3,00. Assinatura: Anual (52 números), Cr$ 150,00. Semestral (26 números), Cr$ 75,00. Registrada: Anual, Cr$ 180,00. Semestral, Cr$ 90,00. Estrangeiro: Anual, Cr$ 280,00; Semestral, Cr$ 140,00. Número atrasado, Cr$ 3,50. Agentes em tôdas as capitais e principais cidades do Brasil. Representantes: — Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West 44th Street, New York City, N.Y. Em Portugal: Helena A. Lima, Avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º Distrito, Lisboa. Africa Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Sucursal na Argentina: «Inter-Prensa». Florida, 229, Buenos Aires. Tôda correspondência deve ser enviada ao diretor-presidente.
Distribuição e Publicidade em São Paulo: Agência Zambardino — Rua Capitão Salomão, 69 — Telefone: 34-1569.

Correspondentes em Hollywood:
THOMAS KEENE
VIOLET KINNEY
Correspondente em Paris:
JEAN DELMAR
Redatór-chefe da Publicidade:
Severino Lopes Guimarães
IMPORTANTE:
O preço desta revista é de Cr$ 3,00 em todo o Brasil. Não é permitida a venda por quantia superior à marcada na capa.

O CINEMA EM PORTUGAL

O realizador alemão Alfred Ehrarhdt, que é hoje uma das mais prestigiosas figuras do seu país no setor dos documentaristas, achando-se o seu nome, também, na primeira fila dos realizadores europeus de filmes documentários de sentido artístico, veio até nós propositadamente, com a intensão de realizar um filme em que a imagem da nossa gente, o reflexo da ação histórica dos portuguêses no decorrer de outras épocas, o desenvolvimento atual do nosso país fôssem fièlmente testemunhados.

Durante várias semanas, o Norte e Centro de Portugal receberam a visita observadora e atenta da câmara de Alfred Ehrarhdt, fixando imagens da nossa terra.

Lisboa, tanto a cidade antiga como a parte nova da capital; o Pôrto, o seu velho burgo e as suas indústrias importantes, destacando as conservas de sardinhas de Matozinhos; o Minho, província mais ao norte do país, com a sua beleza natural e os seus ricos aspectos folclóricos; o Douro, donde sai o famoso Vinho do Pôrto, cuja fabricação aquêle técnico fixou em todos os pormenores; Aveiro, com os seus canais e as suas salinas a perder de vista; Nazaré, com os tão típicos barcos e os seus pescadores de tão grande personalidade; o vetusto castelo de Óbidos, tudo isso ficou registado nesta primeira visita que Alfred Ehrahrdt fêz a Portugal, donde partiu maravilhado, há poucos dias, prometendo voltar no próximo ano com o propósito de filmar tudo o mais que neste primeiro contacto com as paisagens e os costumes portuguêses ficou ainda por fixar.

★

NESTES últimos anos têm-se verificado, tanto nas grandes cidades portuguêsas como noutros centros menos importantes, uma intensa atividade no que diz respeito à construção de novas salas de exibição.

De fato, por todo o país, tem surgido uma série apreciável de novas e belas edificações dedicadas aos espetáculos cinematográficos, algumas delas constituindo, mesmo, lindas massas aquitetônicas, provindas do mais acentuado confôrto e de excelente características de ordem técnica.

Pelo que diz respeito a Lisboa, onde há precisamente um ano se inaugurou um grande cinema, o São Jorge, construido em plena Avenida da Liberdade, e onde se acha em vias de conclusão uma outra nova e importante sala, o Império, acaba agora de abrir as suas portas outra importante casa de espetáculos, o Monumental, em que se encontram incorporados uma linda e elegante sala de teatro e um amplo e confortável cinema, tendo a inauguração dêsse novo centro de diversões constituido um autêntico acontecimento, pela opulência e grandiosidade do ambiente e pelo luxo e a distincão da assistência convidada para o espetáculo inaugural.

A sala do Monumental, com os seus dois mil lugares distribuidos por uma platéia e três ordens de balcão, com um tipo único de cômodas poltronas, fica sendo o cinema de maior lotação de Lisboa.



BÁRBARA HALE e RICHARD GREENE
(Columbia)

SABONETE - TALCO - OLEO
CREME DENTAL - COLONIA - BATON
PÓ FACIAL - BRILHANTINA



BIO HEPAX - MURUROL
POMADA SÃO SEBASTIÃO
GUARAMIDINA